

A FESTA BARROCA NO PORTO AO SERVIÇO DA FAMÍLIA REAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII.

Subsídios para o seu estudo.

Por Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

INTRODUÇÃO

A festa — matéria sempre rica e reveladora da sociedade e dos homens na qual são actores¹ — é um dos «temas-ponta» que tem despertado o interesse «da actual historiografia europeia», como demonstram os numerosos e valiosos estudos publicados². Também entre nós atraiu a atenção de historiadores que contribuíram para um melhor conhecimento do fenómeno em Portugal³.

Dentro deste assunto sugestivo e ao mesmo tempo tão vasto, abordaremos alguns aspectos das festas realizadas no Porto, durante a segunda metade do século XVIII, que comemoraram diversos acontecimentos associados à Família Real. Elas celebraram

¹ MESNIL, Marianne — *Trois essais sur la Fête. Du folklore à l'ethno-sémiotique*, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, 1974, p. 7.

² É já muito vasta a bibliografia sobre os mais diversos aspectos da festa, alguma da qual será citada ao longo do nosso trabalho.

³ Remetemos para a bibliografia que acompanha os seguintes estudos: GOMES, Maria Eugénia Reis — *Contribuição para o estudo da festa em Lisboa no Antigo Regime*, Lisboa, Instituto Português de Ensino a Distância, 1985, pp. 71-79 e ALVES, Ana Maria — *As entradas régias portuguesas. Uma visão de conjunto*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.

além dos nascimentos, casamentos e mortes⁴ — o ciclo humano individual da família reinante⁵ — os aniversários do monarca ou quaisquer outros factos que permitissem lembrar e afirmar o seu poder perante a população.

As muitas manifestações de regozijo que vamos encontrar nos festejos então efectuados inserem-se nos modelos tradicionais de exteriorizar (ou fomentar) a alegria que tendo atingido a Família Real, era de todos.

O período que compreende os reinados de D. José I (1750-1777), de D. Maria I (1777-1792/1799) e o início da regência do futuro D. João VI (1792/1799-1816) foi fértil em festas, algumas delas, das mais espectaculares a que a cidade tinha assistido.

O que encontramos no Porto nessa época é a festa barroca. O barroco, «nom commode et générique»⁶, subsiste no expressivismo da festa⁷, nos seus mais variados aspectos — a novidade, a invenção e o artifício⁸. Elementos que eram postos ao serviço de uma «publicidade organizada» que procurava a centralização monárquica e o reforço do poder do Estado⁹ e que permitiam através da adesão popular, que se manifestava na «alegria y risa común» e na loucura colectiva, manter o equilíbrio «y la conexión entre las clases, a fin de que el edificio «bien construido» del Antiguo Régimen no sufriese resquebrajaduras amenazadoras de su estabilidade»¹⁰.

Para a sua concretização a festa vai conjugar todas as formas artísticas e culturais da época, que são postas ao seu serviço¹¹,

⁴ As exéquias celebradas no Porto pela Família Real não fazem parte deste estudo.

⁵ BOITEUX, Martine 6 *Fetes et traditions espagnoles à Rome au XVII^e siecle*, in «Barocco Romano e Barocco Italiano. Il teatro, l'effimero, l'allegoria», Roma, Gangemi Editore, 1985, p. 121.

⁶ LE ROY LADURIE, Emmanuel — *Baroque et Lumières*, in «Histoire de la France urbaine. La ville classique», Paris, Éditions du Seuil, 1981, p. 450.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 450.

⁸ MARAVAL, José Antonio — *La cultura del barroco. Análisis de una estructura historica*, Barcelona, Editorial Ariel, 1975, pp. 449-493.

⁹ JACQUOT, Jean — *Presentation*, in «Baroque», Montauban, n.º 5, 1972, p. 11.

¹⁰ BONET CORREA, Antonio — *La fiesta barroca como practica del poder*, in «Diwan», Zaragoza, n.ºs 5/6, 1979, p. 53.

¹¹ GRUBER, Alain-Charles — *Les grandes fêtes et leurs décors à l'époque de Louis XVI*, Genève-Paris, Libraire Droz, 1972, p. 1.

dando-nos no primeiro caso uma arte «efémera», para a qual se teve de recorrer à arquitectura, escultura, pintura e às denominadas artes menores¹² das quais destacamos a arte do trajo, onde se associa a imaginação ao mundo da côr e que nas *Relações das festas* tem sempre um lugar de destaque. A ela estará associada a pirotecnia, a música, a coreografia, a ópera, o teatro — atraindo todos os géneros e formas de expressão que são utilizadas como os «instrumentos numa sinfonia sabiamente orquestrada»¹³.

Perante as variadas propostas que a festa nos oferece — no presente trabalho, limitamo-la às que se ligam à dinastia reinante — procuraremos abordar alguns dos seus aspectos. Esperamos que sejam um contributo para um melhor conhecimento da sua expressão na cidade.

1. Motivação

As razões fundamentais que levaram à realização das festas associadas à Família Real foram os aniversários dos monarcas, os casamentos e os nascimentos dos infantes. Aquelas transpondo os limites do palácio régio e da capital encontraram na província¹⁴ a repercussão que as transformaram em acontecimentos que tiveram a participação de «todo» o Reino.

No Porto foram festejados os aniversários de D. José I, em 1757 e 1775. O primeiro ficou descrito em três relações¹⁵, o segundo coincidiu com a inauguração da estátua equestre do monarca, no

¹² Idem, *ibidem*, p. 1; DELL'ARCO, Maurizio Fagiolo — *Le forme dell'effimero*, in «Storia dell'arte italiana», vol. 11, Torino, Giulio Einaudi editore, 1982, pp. 203-204.

¹³ GRUBER, Alain-Charles — *o. c.*, p. 1.

¹⁴ E nas colónias, nomeadamente no Brasil.

¹⁵ MELMEZI, Ângelo Amado — *Relação do exercicio militar com que as tropas de S. Magestade Fidelissima aquarteladas na Cidade do Porto applaudirão os Annos do mesmo Senhor, nos dias cinco, e seis de Junho, s/l, s/d.*, (PONTE, Nunes da — *Um espectacular exercicio militar no Porto, em 1757*, in «O Tripeiro», Porto, VI série, ano VI, 1966, pp. 33-36); *Breve noticia do applauzo com que na muito nobre, e sempre leal cidade do Porto se festejou o feliz anniversario do nascimento do muito alto, e muito poderoso rey D. Joseph o I. Nosso Senhor, s/l., s/d.*; *Relação do combate militar que se celebrou na cidade do Porto no dia cinco, e seis do prezente mez de Junho, em que fez annos o Rey Fidelissimo Nosso Senhor, s/l., s/d.*

meio do Terreiro do Paço «que acabava de receber o novo nome altamente significativo, de Praça do Comércio»¹⁶. Temos também notícias de comemorações relacionadas com o aniversário do Príncipe Regente. A mais antiga é de 1796 e vem referida na Gazeta de Lisboa de 28 de Maio:

«Da Cidade do Porto avisão que no dia anniversario do nascimento do Principe N. S. o Tenente General Governador das Armas D. João Correa de Sá, em applauso daquelle faustissimo dia, e para pedir a Deos que haja de prosperar as vidas de toda a Real Familia, mandou fazer huma Festa na Igreja dos Terceiros do Carmo, em que houve Missa com o S.S. Sacramento exposto, e no fim o Te Deum, assistindo a ella o dito Governador, e as Pessoas mais condecoradas daquelle Cidade. Seguirão-se áquelle relligioso acto as descargas dos Regimentos da Guarnição, os quaes se achavão postados no largo da referida Igreja, ao que correspondêrão com as suas salvas todos os navios surtos naquelle porto, e as fortalezas. Por fim forão convidadas a jantar com o dito Governador a maior parte das principais pessoas que concorrêrão à referida Festa»¹⁷.

O 13 de Maio, dia do aniversário do futuro D. João VI seria festejado em: 1797; 1798, ano em que para o solenizar foi inaugurado o Teatro de S. João¹⁸; 1799 e no ano seguinte¹⁹. Em todos eles, por ordem do Governador das Armas, D. João Correia de Sá e Benevides (1795-1801) haveria um Te Deum Laudamos na igreja da Ordem Terceira do Carmo.

O casamento dos príncipes foi também motivo para grandes manifestações de júbilo. Assim aconteceu: em 1760, quando a Princesa do Brasil, D. Maria (1734-1816), casou com o seu tio paterno o Infante D. Pedro; em 1777, por causa do casamento do Príncipe da Beira, D. José (1761-1788), com sua tia materna a Infanta D. Maria Francisca Benedita, e em 1785 devido ao duplo

¹⁶ FRANÇA, José-Augusto — *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, p. 205.

¹⁷ «Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografia, 1796 (Maio, 28).

¹⁸ B.P.M., Ms. 62, s/fl.

¹⁹ A.H.M.P., *Livro de Próprias*, n.º 17, fl. 144 e fl. 172.

consórcio de D. João e D. Mariana Vitória Josefa, filhos de D. Maria I e de D. Pedro III, com D. Carlota Joaquina e D. Gabriel, a primeira, filha do Príncipe das Astúrias, que depois foi Carlos IV e o segundo, filho de Carlos III, rei de Espanha.

Entre 1761 e 1802, a cidade teve diversas ocasiões de mostrar a sua dedicação à dinastia reinante através das festas com que comemorava o nascimento dos infantes. Constituídas quase sempre por três dias de luminárias, repiques dos sinos, Te Deum e procissão, poderiam em certos casos atingir a dimensão de grandes festejos. Tal aconteceria com o nascimento do Infante D. José, o neto mais velho de D. José I e com os dois primeiros filhos dos Príncipes do Brasil, D. João e D. Carlota Joaquina — a Infanta D. Maria Teresa e o Infante D. António. Devido ao nascimento destes dois infantes, o Porto conheceria os festejos mais importantes que se realizaram na segunda metade do século XVIII.

Além destes acontecimentos, outros houve que permitiriam ao Porto demonstrar o tributo devido à dinastia de Bragança: o atentado contra D. José I, em 1758; a passagem pela cidade do arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, no ano seguinte; o estado de saúde do Infante D. João, em 1789 e o início da regência de direito deste, em 1799, ainda que assegurasse, desde 1792, a direcção dos negócios públicos.

2. Programa

2.1 — *Comunicação da notícia*

O casamento dos infantes ou o seu nascimento eram comunicados, através de uma Carta Régia, às entidades mais representativas da cidade. O monarca participava o acontecimento ao Bispo, ao Governador das Armas e ao Senado da Câmara, que por sua vez escreviam entre si e a outras instituições²⁰ dando a notícia e convidando-se reciprocamente a assistirem às diversas manifestações que iriam organizar e nas quais tomaria também parte a população.

²⁰ Cf. doc. n.º 7.

Em 1797 o Cabido foi informado do nascimento da Infanta D. Maria Isabel (1797-1818), pelo bispo do Porto, D. Lourenço Correia de Sá (1796-1798) e pelo Senado. O primeiro pôs ao corrente o «Deão Dignidades Conegos do Cabido» que:

«para dar-mos ao Todo Poderoso as devidas graças por tão assinalado beneficio temos determinado celebrar Ponteficalmente na Nossa Cathedral no domingo que se contão vinte e oito²¹ do corrente, e fazer, que logo no fim da missa se cantem solemnemente o Te Deum Laudamos: o que participamos a Vossa Senhoria para se unir comnosco nesta publica, e religioza demonstração do justo contentamento que recebemos com tam fausto e pasuzivel successo»²².

O segundo, além de referir a eventualidade, deu conhecimento que iriam:

«publicar bando para se fazerem as demonstraçoens de alegria com luminarias, e repiques nestes tres dias, e noutes successivas, participamos á Vossa Illustrissima esta noticia na certeza, em que estamos de nos acompanhar em similhantes occazioens de tanta felicidade para todo o Reino»²³.

Frequentemente a informação do nascimento dos infantes era feita no mesmo dia em que se tinha dado o «plauzivel successo». Tal aconteceria com a Infanta D. Maria Teresa, que tendo nascido em 29 de Abril de 1793, logo nessa data foi expedida a notícia para o Senado da Câmara do Porto:

«Juiz, Vereadores, e Procurador da cidade do Porto. Eu a Rainha vos invio muito saudar. Foi Deos servido felicitar no dia de hoje estes Reynos dando-lhes huma Princeza da Beira, com bom successo da Princeza Minha Muito Amada e Prezada Nora. E porque este plauzivel acontecimento sera de muita alegria para os meus vassalos, ordenei logo, que se vos participasse, para o festejardes com aquellas demonstra-

²¹ 28 de Maio de 1797.

²² A.D.P., Cabido, n.º 1632, fl. 63.

²³ A.D.P., Idem, *ibidem*, fl. 64.

coens de applauzo, que são do costume em semelhantes occasioens. O que tenho por certo dezempenhareis, como espero de tão bons, e tão leaes vassalos. Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos vinte e nove de Abril de mil settecentos noventa e tres. Principe»²⁴.

Se a participação do casamento ou do nascimento era o ponto de partida para o início dos festejos — as outras motivações com datas conhecidas não necessitavam de comunicação prévia — alguns casos houve em que se realizavam actos que antecediavam o acontecimento mas que estavam ligados a ele — as manifestações pela «bem desejada gravidação». Algumas dessas formas de antecipar a festa que o nascimento de um príncipe ou de uma princesa promoveria foram realizadas antes da Princesa do Brasil, D. Carlota Joaquina, ter dado à luz a Infanta D. Maria Teresa, em: Carquere; Pinhel; Vila Nova de Portimão, Évora e Coimbra (Quadro I).

Também antes do nascimento da Infanta D. Maria Francisca de Assis (1800-1834), o primeiro tenente de Artilharia da Fortaleza de S. João da Foz, Raimundo José Pinheiro, «fez cantar na Igreja dos Orfãos (...) a Kalenda pelo modo mais solemne, cujo objecto se dirigia a impetrar do Todo poderoso, mediante a intercessão de N. Senhora da Graça, o bom successo da Princeza N. S.²⁴ no seu proximo parto²⁵, e rogar-lhe como todo o fervor que augmente as felicidades da Augusta Casa Reinante para bem de toda a Monarquia»²⁶.

2.2 — Divulgação da notícia

Chegada a notícia ao conhecimento das entidades oficiais, esta era divulgada à população da cidade através de pregão, pelo qual todos os moradores eram informados da «boa nova» e intimados a porem em suas casas «luminarias» durante três dias²⁷. Em 1797,

²⁴ D. Carlota Joaquina.

²⁵ A Infanta D. Maria Francisca de Assis nasceu no Palácio Real de Queluz a 22 de Abril de 1800.

²⁶ «Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1800 (Fevereiro, 11).

²⁷ Cf. doc. n.º 6.

um segundo pregão, preveniu os habitantes do Porto, para ornamentarem as janelas e terem limpas as ruas²⁸, para a procissão que depois do Te Deum se realizaria, devido ao nascimento da Infanta D. Maria Isabel (1797-1818).

2.3 — *Tríduo*

As manifestações associadas à Família Real duravam quase sempre três dias — o tríduo. Quando em 17 de Outubro de 1798, o Senado do Porto recebeu a notícia do nascimento do futuro D. Pedro IV²⁹ ordenou, através do bando que fez sair no dia seguinte, que para comemorar o acontecimento haveria³⁰:

- três dias sucessivos de luminárias;
- repique de sinos;
- no dia 28 de Outubro se cantaria missa solene, com sermão³¹, e de tarde Te Deum Laudamus e procissão.

Todas as demonstrações de regozijo poderiam realizar-se nos três dias estipulados. Assim aconteceu em 1762, por ocasião da Paz com Espanha, nos quais no primeiro dia de luminárias, foi cantado o Te Deum, e no último seria feita a procissão em «Acção de Graças levando a Sagrada Imagem do Senhor d'Alem»³². Mas outros casos houve, nos quais a festa ultrapassava-os. Para festejar a Paz com Espanha, estabelecida em 1801, foram decretados os costumados três dias de luminárias para 27, 28 e 29 de Julho, mas o Te Deum e a procissão só se realizaram a 1 de Agosto³³. Os grandes festejos prolongavam-se por muitos dias, como sucedeu entre outros casos com o casamento da futura D. Maria I e com o nascimento dos dois primeiros filhos de D. João e de D. Carlota Joaquina.

²⁸ Idem.

²⁹ Nasceu em 12 de Outubro de 1798.

³⁰ A.H.M.P., *Miscelânea*. Manuscrita, n.º 1190, fl. 15.

³¹ Seria pregador Fr. José da Transfiguração.

³² A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 84, fl. 262.

³³ A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 95, fls. 203v.-204.

2.3.1 — *Bando*

O «lançamento» do bando podia constituir após a chegada da notícia o primeiro acto público dos festejos — ainda que as luminárias e os repiques dos sinos o pudessem anteceder. Assim quando nasceu o que seria o primeiro imperador do Brasil, a Carta Régia, que comunicou o facto chegou ao Porto a 17 de Outubro de 1798 e o bando a anunciá-lo saiu no dia seguinte³⁴.

O mesmo aconteceria após a chegada da noticia do nascimento da Infanta D. Maria Teresa. Aquela chegou ao Porto em 2 de Maio de 1793, e logo no dia 3 saiu o primeiro bando, para que todos pusessem luminárias:

*«No dia 3 se annunciou públicamente este fausto successo por hum bando a toque de caixas, e clarins, em que além do Porteiro hia o alcaide da Cidade com outros Officiaes vestidos de gala, todos montados em soberbos, e bem ajaezados cavallos, precedidos de outros muitos Officiaes de pé ricamente vestidos, que tudo fazia huma agradável vista por ser mais luzido, do que em outras occasiões semelhantes se tem visto»*³⁵.

Este bando que iniciaria o seu percurso pela cidade por volta das doze horas compunha-se, segundo uma testemunha da época, por: seis pretos, que tocavam clarim e um branco com dois timbales, todos a cavalo; seguiam-nos a pé, três pifaros e catorze tambores; cinco oficiais de Justiça «que erão o alcaide da cidade e meirinhos», todos «de capa e volta com chapéos de plumas brancas, e bandas de setins brancos», todos a cavalo; e finalmente oito homens da «Vara do Senhor Corregedor da Camara», todos de fardas novas «encarnadas cada hum com sua partazana e de chapeo de plumas com huma ava (sic) levantada», que iam a pé. Este bando só regressaria à noite³⁶. Segundo o mesmo autor, na

³⁴ A.H.M.P., Miscelânea. Manuscrita, n.º 1190, fl. 15.

³⁵ *Relação das festividades com que na cidade do Porto se tem celebrado o feliz successo da Nossa Augusta Princesa*, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, s/d., p. 1.

³⁶ B.P.M.P.. Ms. 62, s/fls.

tarde do mesmo dia saíu um outro de máscaras, todos a cavalo, com clarins «tocados por musicos», chegando, passava das vinte e duas horas, à «Casa Real das Partidas Avulças» — Real Casa Pia — onde residia o Corregedor e Provedor da Comarca do Porto, Francisco de Almada e Mendonça.

O bando nos festejos iria exercer uma dupla função. A primeira, quando as festas eram cuidadosamente preparadas, constituía, pelo colorido dos trajos e pelo som dos instrumentos, o primeiro cortejo que percorrendo as ruas da cidade dava início a um período que forneceria o «lenitivo capaz de hacer más soportable el peso de las miserias de la existencia humana»³⁷. A segunda era o convite para participar nos festejos³⁸ fazendo-o de forma a atrair a população para um certo desregramento.

Por vezes a saída do bando não se limitava só ao dia seguinte da chegada da notícia. Em 1793, voltou a percorrer as ruas do Porto para anunciar o Te Deum que o Corregedor e Provedor da Comarca do Porto e o Senado da Câmara mandariam celebrar na Sé³⁹.

2.3.2 — Luz e ruído

Um dos aspectos importantes da festa era a luz⁴⁰. A sua presença transformava a cidade, eliminando as «trevas da noite»⁴¹ — a luz vencía a escuridão e os seus medos. Com ela podia-se prolongar o dia ao longo da noite, através do artifício humano, transformando-se a «orden del universo, por fugaz que fuese»⁴².

³⁷ BONET CORREA, Antonio — *Arquitecturas efímeras, ornatos y máscaras. El lugar y la teatralidad de la fiesta barroca*, in «Teatro y Fiesta en el Barroco. España e Iberoamérica», Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986, p. 43.

³⁸ Cf. docs. n.ºs 2 e 4.

³⁹ *Relação das festividades...*, pp. 2-3.

⁴⁰ «El artificio capaz de rivalizar con la naturaleza, el poder prolongar en la noche la claridad del día, constituía el asombro de los presentes, el no va más del lujo y del derroche». BONET CORREA, Antonio — *La última arquitectura efímera del Antiguo Régimen*, in «Los ornatos públicos de Madrid en la coronación de Carlos IV», Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1983, p. 23.

⁴¹ GETTO, Giovanni — *La nouvelle italienne de l'Age Baroque*, in «Baroque», Montauban, 1963, p. 59.

⁴² MARAVALL, José Antonio — *o. c.*, pp. 492-493.

«El carácter mágico de la luz, su carácter de artificiosidad atraía a hombres

Todos os edifícios se iluminavam⁴³ sendo uma das formas das instituições e dos particulares, ricos e pobres⁴⁴, participarem e demonstrarem o seu regozijo pelo acontecimento. A luz surge como um símbolo da fidelidade da população para com a Família Real.

A cidade despertava também para os festejos através do ruído⁴⁵ — principalmente pelo repicar dos sinos:

«os repiques dos sinos de todas as igrejas, autorizados pelos da cathedral, excitavão nos corações fieis de todos os portuenses os maiores e mais ternos sentimentos»⁴⁶.

As descargas feitas pelos regimentos, pelos barcos ancorados no Douro e pelas fortalezas associavam-se a essa forma tão expressiva da festa — o ruído — que encontrava a sua expressão mais feérica no fogo de artifício.

Iniciando os festejos, fazia parte também da sua conclusão. Em 1759 no tríduo que a Ordem Terceira de S. Francisco do Porto realizou «entre as muitas acçoens gratulatorias (...) pela conservação da vida, e saude» de D. José I, além das três noites de «luminarias» e de terem sido «continuos os repiques de todos os seus sinos», o festejo terminou «com muitos repiques, e descargas de Artilharia de alguns navios»⁴⁷. Também o aniversário do Príncipe Regente, em 1796, depois dos festejos religiosos foi solenizado com «descargas dos Regimentos da Guarnição» os

que en la vida cotidiana tenían que soportar las largas noches de invierno, la escasa luz diurna de los interiores de los edificios, la oscuridad nocturna de calles sin alumbrado. Al misterio del fuego se unía el derroche de hachones y bujías, la extensa y costosa puesta a punto de lámparas y luminarias». BONET CORREA, Antonio — *La fiesta barroca...*, p. 78.

⁴³ OECHSLIN, Werner e BUSCHOW, Anja — *Architecture de Fête. L'architecte comme metteur en scène*, Bruxelles, Pierre Mardaga éditeur, 1987, p. 25.

⁴⁴ «Ruido y luz, además de color, eran distintivos de la fiesta». BONET CORREA, Antonio — *o. c.*, p. 77.

⁴⁵ Em 1785, ano do casamento do Infante D. João com a Infanta D. Carlota Joaquina recebeu: «Gonçalo Jozé Ribeiro da Sé pelo trabalho dos repiques, e luminarias nos cinco dias da fonção quatro mil reis». A.H.M.P., Livro do Cofre, n.º 42, fl. 165v.

⁴⁶ Cf. doc. n.º 1.

⁴⁷ «Gazeta de Lisboa», Lisboa, n.º 4, 1759 (Janeiro), pp. 29-30.

quais se encontravam em frente da igreja da Ordem Terceira do Carmo, «ao que corresponderão com as suas salvas todos os navios surtos naquelle porto e as fortalezas»⁴⁸.

2.3.3 — *Missa. Te Deum. Procissão*

As cerimónias religiosas desempenharam um papel fundamental nas festas associadas à Família Real. Compunham-se de: missa; «oração»; Te Deum e procissão.

No caso do nascimento dos infantes realizam-se para: «agradecer ao Ceo tão benigno favor»; render a Deus «as graças pelo feliz nascimento»; «agradecer ao Ceo tão alto favor» e «dar graças ao Altissimo pelo feliz Nascimento de hua Infanta com que tanto nos felicitamos»⁴⁹. Razões que levariam, em Maio de 1793, a efectuarem-se no Porto, pelo nascimento da Infanta D. Maria Teresa, as seguintes festividades religiosas:

- dia 9, Te Deum, na igreja de Nossa Senhora da Graça, por ordem do Governador das Armas, Sebastião Correia de Sá (1786-1795);
- dia 12, na Sé, D. João Rafael de Mendonça «Pontificalmente officiou e expoz o Santissimo Sacramento», de tarde depois do Te Deum, «no fim do qual recitou huma eloquentissima Oração o Reverendissimo P. M. Doutor Fr. Bartholomeu Brandão», saíria a procissão;
- dia 13, Te Deum, na igreja do mosteiro de S. Bento da Vitória, que mandou cantar a Relação;
- dia 16, novamente na Sé, «Missa e Exposição do Santissimo» no fim da qual Fr. José da Transfiguração «recitou huma eloquentissima Oração», de tarde houve Te Deum e por fim procissão. Estas cerimónias foram mandadas executar pelo Corregedor e Provedor da Comarca do Porto e pelo Senado da Câmara⁵⁰.

⁴⁸ Idem, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1796 (Maio, 28).

⁴⁹ A.D.P., Cabido, n.º 1632, fls. 46, 48, 63v. e 65v.

⁵⁰ *Relação das festividades...*, pp. 1-3.

⁵¹ QUÉNIART, Jean — *Les Hommes, l'Église et Dieu dans la France du XVIII^e siècle*, Paris, Hachette, 1978, p. 149.

Em alguns casos as solenidades religiosas eram o momento mais importante da comemoração — como aconteceu com alguns dos festejos relacionados com o aniversário do Príncipe Regente — noutros fazia parte do programa da festa dando-lhe a gravidade necessária. Em nenhum caso estava ausente a Igreja, que pela grandiosidade que pretendia dar aos actos que lhe pertenciam, não se deixava eclipsar⁵¹ pelo fulgor dos divertimentos profanos.

2.4 — Outras manifestações festivas

As festas públicas não se limitavam às manifestações que acabamos de referir. As *Relações* e as notícias inseridas na *Gazeta de Lisboa* são férteis em informações sobre as diversas formas das populações se associarem «por contemplação» ou «por participação»⁵² na festa.

Nos programas então organizados apareciam entre as que tinham uma grande adesão popular: as touradas, os espectáculos teatrais e o fogo de artifício. Mas incluíam-se naqueles ainda: danças «de figuras» ou «máscaras»; cavallhadas; encamisadas; elevação de máquinas aerostáticas⁵³; contradanças; carros triunfais; serenatas; bailes; cantorias; «agradáveis composições poeticas repetidas ao Publico» e outeiros.

Ofereciam-se «bem servidos jantares», «profusas ceias» e «refrescos». Em Castelo de Vide, o Juiz de Fora, Francisco de Paula de Sequeira Barreto, aquando dos festejos pelo nascimento da Princesa da Beira⁵⁴, durante os dias que aqueles duraram:

«deu esplendidamente de comer a hum muito grande numero de pessoas convidadas, e a quem quizesse servir-se das mezas»⁵⁵.

⁵² MARAVAL, José Antonio — *Teatro, fiesta e ideologia en el Barroco*, in «Teatro y Fiesta en el Barroco. España e Iberoamérica», Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986, p. 91.

⁵³ «Em applauso do feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, fez Antonio José Vannine lançar em Vilarinho da Castanheira huma Maquina aerostatica, que se elevou até se perder de vista, e foi cahir na distancia de mais de legua e meia». *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1793 (Agosto, 09).

⁵⁴ Infante D. Maria Teresa.

⁵⁵ «Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1793 (Junho, 24).

Davam-se esmolas aos «prezos, mendigos, viuvas, e mais pessoas miseraveis e envergonhadas da Terra»⁵⁶, serviam-se «asseados jantares» aos primeiros.

2.4.1 — *Programa dos festejos pelo nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793)*

O nascimento da primeira filha do futuro D. João VI, foi comemorado em todo o Reino com grandes festejos, o que se repetiria em 1795 com o nascimento do Infante D. António.

No caso do Porto e sua Comarca, Francisco de Almada e Mendonça, tinha sido prevenido por carta de 19 de Março de 1793, de Diogo Inácio de Pina Manique, sobre o que havia de mandar fazer:

«Suponho que Vossa Senhoria terá dado as insinuaçoens ás Cammeras dessa Commarca para cada huma dellas fazer a sua demonstração de alegria, e conforme as suas possibilidades, logo que tiverem a noticia do Feliz Parto, que esperamos da Princeza do Brazil, Nossa Senhora; e no cazo que Vossa Senhoria pareça, por esta vez sómente, permittir que, se corrão touros, poderá dar licença para este fim e para todas as mais festas de arrayal, que as mesmas Cammeras quizerem fazer segundo como digo as suas possibilidades; pois nesta occazião não deve haver restricção alguma nos regozijos publicos, com que nós todos nos devemos congratular; devendo Vossa Senhoria lembrar as mesmas Cammeras, que o primeiro passo, que devem dar hé o hirem a matriz darem graças a Deos, Nosso Senhor, fazendo que o parrocho della cante hum missa, e no fim hum Te Deum Laudamus, em acção de graças de nos dar successão ao Reyno, a que deve assistir o corpo da Cammera, Nobreza e Povo: e logo Vossa Senhoria comunicará estas insinuaçoens ás mesmas Cammeras com a cautella, e segredo que for praticavel, para terem tempo de se previnirem para estes fins»⁵⁷.

⁵⁶ Idem, 1793 (Setembro, 21).

⁵⁷ A.H.M.P., *Livro de Próprias*, n.º 17, fl. 65.

Assim no dia seguinte⁵⁸ à chegada da notícia do nascimento da Infanta D. Maria Teresa, com a presença do Corregedor e Provedor do Porto e sua Comarca, reuniu o Senado da Câmara, para organizarem os festejos. Nessa vereação ficaria estabelecido para as comemorações o seguinte programa:

- seria lançado bando «na forma do estilo» para se fazerem luminárias durante três noites sucessivas;
- prevenir todos os «prelados das Religiões» que durante os três dias e as três noites, de luminárias, mandassem repicar os sinos «das suas torres»;
- que se mandasse armar no dia 16 de Maio, com a maior «pompa» a Sé, e se cantasse missa com exposição do Santíssimo Sacramento e no fim houvesse sermão; na tarde do mesmo dia haveria Te Deum Laudamus, «pellos melhores muzicos» que formariam dois coros, seguindo-se uma procissão que percorreria as ruas que seguia a do Corpo de Deus;
- no dia 14 voltaria a sair o bando, para que nos dias 15 e 16 se repetissem as luminárias e o repique dos sinos;
- seria construído no Campo de Santo Ovídio «huma magnifica praça, do melhor gosto» para se correrem touros, durante oito dias, que seria iluminada seis noites;
- haveria três noites de «fogo não do ar, mas de artifício o mais vistoso»;
- nos dias em que se corresse touros, a praça seria guarnecida de «huma guarda de archeiros, composta de oitenta homens ricamente vestidos com fardas uniformes»;
- far-se-iam os carros precisos, algumas figuras ricamente vestidas e bailes com música para divertimento dos espectadores das touradas;
- haveria três noites de comédias e três óperas publicas «na caza delas», mandando-se chamar o seu empresário para se ajustar o preço que o Senado teria que pagar em cada uma das seis noites «e que as mesmas

⁵⁸ 3 de Maio de 1793.

operas e comedias seriam de excelente gosto e melhores vistas»;

- seriam, na conformidade com as Ordens Régias, permitidas máscaras a todos os moradores da cidade «por esta vez somente», para que com os seus bailes e mais «galantarias» fizessem «mais plauzível esta acção de tanta alegria»⁵⁹.

Este programa que o Senado da Câmara do Porto estabeleceu para festejar o nascimento da infanta prolongar-se-ia até Julho, altura em que ainda se viam máscaras «com as suas galantarias»⁶⁰.

2.4.2 — *Touradas*

As touradas eram dentro dos vários espectáculos, um dos mais completos. Conjugavam não só a diversão que proporcionavam os touros, mas também tudo aquilo que a ela estava associado — cortejos com carros triunfais, bailes, música e fogo de artifício.

Sobre elas escreveria João Baptista de Castro:

*«Sobre os divertimentos, o mais celebre, e plausível he o combate dos touros, ou seja a pé, ou de cavallo: festa (...) para o qual todos concorrem com grande gostos, e se fazem com muito aparato, e magnificencia»*⁶¹.

Não admira pois que em ocasiões especiais se incluisse nos festejos um espectáculo que atraia de uma forma especial a população. Assim os portuenses, nos festejos associados à Família Real, assistiriam a touradas em:

- 1760 — casamento da Princesa do Brasil com o seu tio o Infante D. Pedro, altura em que foi incluído no programa dos festejos «toros de cavalos»⁶²;

⁵⁹ A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 92, fls. 52-53.

⁶⁰ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

⁶¹ CASTRO, João Baptista de — *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, tomo I, Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1742, p. 216.

⁶² A.H.M.P., *Idem*, n.º 84, fls. 37v.-38.

- 1761 — nascimento do Príncipe da Beira, D. José. Para o comemorar o Senado resolveu fazer «seis dias de touros tres de cavalo e tres de pe»⁶³;
- 1785 — duplo consórcio dos infantes portugueses, D. João e D. Mariana Vitória Josefa, com os infantes espanhóis, D. Carlota Joaquina e D. Gabriel; fizeram-se «três dias de touros»⁶⁴;
- 1793 — nascimento da Infanta D. Maria Teresa altura na qual se correram touros por diversas vezes durante o mês de Junho, sendo a primeira tourada no dia 2, um Domingo⁶⁵ e as últimas — em benefício dos presos da Relação e da Calceta — em 14 e 22 de Julho⁶⁶;

⁶³ «se achava convidado Antonio de Carvalho touriador de cavalo justo por cem moedas dois capinhas justo por trinta moedas em que entrarão sinco para a despeza da jornada e que se mandavão mandar vir mais quatro de Castella para ajustar seis capinhas». A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 84, fls. 155v.-156v.

«por dinheiro a Izidoro Dias hespanhol que foi chamar os capinhas a Espanha 12\$000»

«ao cavaleiro Antonio Carvalho 60 moedas a 4800 reis cada huma por conta do resto do seu ajuste 288\$000»

A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fl. 129.

⁶⁴ «Recebi do senhor Manoel Joze Gomes escrivão da Correição da Comarca doze moedas de ouro que me mandou o Illustrissimo Senado da Camara dar por gratificação das tardes que touriei. Porto 22 de Julho de 1785. Rodrigo Xavier de Almeida». A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 42, fl. 142.

Capinhas: Caetano Facaso; Franciscó Leal, Amaro José de Zambuie e Jerónimo Rodriguez. A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 42, fl. 143.

Forcados: Remísio José; Joaquim Ribeiro; Joaquim Xavier; Leandro Pereira; Francisco Crespo; Vicente Palhaça; Bernardo «Soçena»; António dos Reis e Manuel Carvalho. A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 42, fl. 144.

Em 1784 Rafaela Vichi e José Vichi, seu marido, pediram licença ao Senado da Câmara para «correr touros». Foi-lhes concedida licença com as seguintes condições: tinham que conduzir os touros depois da meia-noite com pessoas para evitar prejuizos públicos e também entregar ao mordomo dos presos os touros que fossem mortos para sustento dos mesmos. A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 89, fl. 66.

⁶⁵ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

Antonio Hernandez e seu companheiro recebeu de «quatro tardes de la plaza de los toros», 42\$400 réis. A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fl. 228.

João Pedro Salabert, picador, do seu trabalho de correr tóuros, «todo o tempo», 240\$000 réis. A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fl. 296. Estas touradas são referidas por: CRUZ, António — *Vêlho Burgo. Alguns aspectos, figuras e casos do Porto antigo*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1953, pp. 101-108.

⁶⁶ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls. A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 77, fls. 38-49.

1795 — nascimento do Infante D. António; iniciaram-se os espetáculos de touros em 15 de Junho⁶⁷ continuando até Agosto.

2.4.3 — *Lutas e simulacros militares*

Algumas vezes o programa das festas era constituído por lutas e simulacros militares⁶⁸, ou estes faziam parte dos festejos. Revi-viam-se os combates entre cristãos e mouros, onde, segundo Bonet Correa, o espírito de cruzada unia-se à velha tradição, sem dúvida de origem indo-europeia, do combate teatralizado entre as forças do bem e as do mal⁶⁹.

Em 1757, João de Almada e Melo, para festejar o aniversário de D. José I — 6 de Junho — realizou na Cordoaria um exercício militar, que consistiu no ataque a uma fortaleza, construída para o efeito⁷⁰. Uma demonstração de força, muito conveniente, numa cidade que nessa altura vivia sob uma apertada vigilância e controlada por tropas vindas da província, devido ao motim de 1757. Simulacros de combates eram frequentes nos cortejos que, entrando na praça de touros, antecediam as touradas.

2.4.4 — *Teatro: comédias e óperas. Música e canto*

As festas⁷¹ está associado o teatro. Aquelas constituíam uma forma de incremento da actividade teatral — comédias e óperas. Como as touradas, o teatro tornava-se através da música, do canto,

⁶⁷ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

«A João Pedro Pereira da Sylva de seu trabalho de correr os touros em todo o tempo das funcões 384\$000»

A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 20.

Capinhas castelhanos: Antonio Ramirez; Lourenço Badain; Francisco Illescas; José de La Fuente; José Inclan; Antonio Hernandez; Antonio Rodriguez e Julião Afonço. A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 195.

⁶⁸ «La lucha organizada como elemento esencial de la condición humana servia de antídoto a la violencia tan frecuente en la época». BONET CORREA, Antonio — *Idem*, p. 77.

⁶⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 77.

⁷⁰ Ver nota 15.

⁷¹ «Aux origines, le théâtre n'existe pas, en dehors de la fête, qu'il s'agisse de

da dança, num dos espectáculos que mais captava a atenção do público⁷²; daí se repetirem as representações teatrais para além do número estipulado pelo programa, o que acontecia também com as corridas de touros.

Seriam os festejos associados à Família Real que levariam ao aparecimento do Teatro do Corpo da Guarda e mais tarde do Teatro de S. João. O primeiro, adaptando-se as cocheiras do palácio dos duques de Lafões, no Corpo da Guarda, para nelas se representarem óperas e comédias, durante as festas pelo casamento da futura D. Maria I, em 1760; o segundo, mandado construir por iniciativa de Francisco de Almada e Mendonça, e cuja inauguração se realizou em 13 de Maio de 1798, dia do aniversário do Príncipe Regente:

«Na noite deste dia se abriu a vez 1.^a o teatro novo denominado = Do Principe = o qual foi sempre desde a sua fundação que foi nos principios de Mayo de 1796 da inspecção do Illustrissimo Doutor Corregedor Francisco d'Almada e Mendonça. Foi a peça desta primeira noite a comedia intitulada as Vivandeiras Illustres⁷³. Está com effeito o teatro magnifico, e digno de se ver. Dizem que nunca mais elle tornará a vêr o povo que nesta noite assistiu de forma que na platea, quem foi mais tarde ja não achou banco algum. He verdade que veyo muito povo de fora, athe de Viana o general. Tem alem do camarim denominado = Do Principe = para onde não vai pessoa alguma, de cada

la Grèce, ou de l'Occident médiéval. Il ne commence à se détacher de la fête que lorsque s'organisent des troupes professionnelles itinérantes ou fixes, et s'ouvrent dans les grandes villes des théâtres permanents. Même alors, les compagnes restent associées à la célébration des fêtes». JACQUOT, Jean — *Drame poétique et fête théâtrale*, in «Baroque», Montauban, 1967, p. 8.

⁷² DIEZ BORQUE, José Maria — *Relaciones de teatro y fiesta en el Barroco español*, in «Teatro y Fiesta en el Barroco. España e Iberoamérica», Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986, p. 26.

⁷³ O espectáculo inaugural foi composto pelas seguintes obras: «O mau gosto destruido ou o Porto desafrontado» elogio do bacharel António Soares de Azevedo; a comédia «Os militares heróis ou as vivandeiras illustres»; a farsa «A dama astuciosa». Cf. MARTINS, José Pedro Ribeiro — *O teatro no Porto no século XVIII*, in «Revista de História», Porto, vol. III, Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna» — II, 1980, p. 110.

lado 36 camarotes, e mais tres de cada lado que ja ficão sobre o tablado; e sobre o do Principe huma varanda que forma trez arcos. Tem 4 andares de camarotes»⁷⁴.

No improvisado Teatro do Corpo da Guarda, que seria o único que a cidade teve até 1798, representaram-se quatro óperas — «dei a Nicolla Setaro da coarta opera que por ordem do Senado se mandou representar para melhor satisfação do povo», 96\$000 réis — em 1760, pela Companhia de Nicolau Setaro, que tinha vindo de Lisboa. Em 1764, ainda davam espectáculos no Porto. Nesse ano Nicolau Setaro, contratou sua cunhada Maria Giuntini para «esta cantar, e recitar na sua companhia, neste teatro das operas do Porto», desde 8 de Junho de 1764 até ao Entrudo do ano seguinte⁷⁵.

Em 1793, ao longo dos festejos pelo nascimento da Infanta D. Maria Teresa os portuenses puderam assistir a óperas e comédias⁷⁶:

Junho, 07 — ópera
 Junho, 09 — comédia
 Junho, 14 — comédia
 Junho, 16 — ópera
 Junho, 18 — comédia
 Junho, 19 — comédia
 Junho, 22 — comédia
 Junho, 27 — comédia
 Junho, 29 — ópera

Os múltiplos festejos que por todo o país se realizaram pelo nascimento do Infante D. António, levaram à mobilidade de actores que eram contratados para representar na província. Disso nos dá conta, a título de exemplo, o contrato, efectuado em 30 de

⁷⁴ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

⁷⁵ A.D.P., Po-9, 4.ª série, n.º 57, fls. 108v.-109. Em 1766, Miguel Angel Chiarini, «Emprazario da Companhia Italiana de Volatins, Comedias e Pantominas», contratou Gertrudes Montiventi, espanhola, para esta «exercer a sua habilidade de baylarina de corda, representar, cantar e baylar em tabulado, e fazer pantominas, e ajudar em tudo ao beneficio, utilidade, e augmento da dita Companhia». A.D.P., Po-9, 4.ª série, n.º 71, fls. 6-7.

⁷⁶ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

Abril de 1795, entre Filipe Boselli, mestre de dança, e as atrizes Ângela, Teresa, Maria Manuel, Maria Rita, Margarida Pintão, Rafaela Vichi e sua filha Ana Vichi, e os actores João de Oliveira e Cunha, José Rodrigues Azua, José Duarte, João Alberto dos Santos Pais e Luís António Teixeira, todos então a morar no Porto. A sociedade que pretendiam fazer, que ficou sem efeito, seria para formarem uma companhia: «para representarem em todos e quaisquer triatos (...) que todos juntos hião e seguiram para toda e qualquer villa ou villas e cidades deste Reino ou de qualquer outro Reino» onde representariam «cumedias tragedias ou antremezes» e não «excetuando os vaillancicos»⁷⁷. Esta companhia iria, caso a sociedade se tivesse concretizado, representar em Lamego.

A música é uma constante nos festejos⁷⁸ bem como o canto⁷⁹. Desde o bando, às cerimónias religiosas, aos espectáculos particulares, a sua presença é permanente (Quadro II).

3. Organizadores e intervenientes

As festas associadas à Família Real têm como responsáveis pela sua organização entidades públicas, eclesiásticas e particulares.

Era o Senado da Câmara que tinha obrigação de realizá-las e custear as despesas. Assim aconteceria no Porto na segunda metade do século XVIII. Em alguns casos a iniciativa poderia partir do Governador das Armas — João de Almada e Melo, em 1757, organizou um exercício militar para comemorar o aniversário de D. José I e mais tarde D. João Correia de Sá, mandou por diversas vezes fazer «humã Festa na Igreja dos Terceiros do Carmo», no dia do aniversário do Príncipe Regente. Também o «Corpo da Relação» determinou que se entoasse um Te Deum por causa do nascimento da Infanta D. Maria Teresa.

⁷⁷ A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 481, fls. 64v.-66.

⁷⁸ DIEZ BORQUE, José María — ob. cit., p. 30.

⁷⁹ Cf. doc. n.º 6. Em 1793, por causa dos festejos pelo nascimento da Infanta D. Maria Teresa, Francisco de Almada e Mendonça mandou fazer um palanque sobre a Porta do Sol, «para nele estarem os pretos tocando clarim de noite». B.P.M.P., Ms. 62, s/fls. A importância da música levaria à formação de sociedades entre músicos:

A Igreja participava de uma forma activa nos festejos, mandando fazer as suas próprias celebrações ou executando cerimónias que lhe eram incumbidas.

Não faltam referências à organização de festejos por parte de particulares, que dessa forma procuravam testemunhar a sua estima à família reinante. Em 1793 a Feitoria Inglesa «realizou a sumptuosa função que tinha projectado fazer pelo feliz Nascimento da Sereníssima Princesa da Beira»⁸⁰. Alguns anos depois, 1799, seria a vez de Joaquim Novais Moreira, «Cidadão e Negociante da Cidade do Porto». Este «querendo dar ao Altíssimo as devidas graças pela declaração da Regencia do Príncipe N. S.» mandou na noite de 23 de Agosto, iluminar e embandeirar a Torre dos Clérigos «entre o estrondo de algum fogo» e no dia seguinte «cantar na dita Igreja, que se achava ricamente adornada, Missa»⁸¹.

Os intervenientes nos festejos são não só em grande número mas também das mais diversificadas profissões, sem contarmos com aqueles que neles participam como espectadores. Disso nos dão conta as listas das despesas, onde encontramos pagamentos feitos entre outros, a: oficiais e soldados dos Regimentos; músicos; grupos que formavam os bailes (Quadro III); figurantes diversos⁸²;

1779, Janeiro, 09 — Manuel João da Cruz Lima, mestre de música e António Gonçalves Pinto músico (A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 346, fls. 142v.-143v.);

1783, Janeiro, 22 — sociedade entre os seguintes músicos: João Baptista Avondano; Agostinho Pio da Silva; Tomás Guadanhini; Agostinho José de Sousa Azevedo; Manuel Francisco Gomes; José Luís de Sousa Magalhães e Antonio Valério Pirol (Antonio Gonçalves Valério). (A.D.P., Po-9, 4.ª série, n.º 161, fls. 20v.-22);

1791, Dezembro, 07 — José Monteiro Pereira, o padre Pedro da Cunha e António Pereira da Costa Cardoso, associaram-se para «hua capela de muzica» (A.D.P., Po-9, 4.ª série, n.º 197, fls. 3-4).

⁸⁰ «Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1793 (Agosto, 31).

⁸¹ Idem, 1799 (Setembro, 21).

⁸² Nos festejos pelo nascimento do Infante D. António, em 1795:

— marinheiros do navio: José dos Santos; João Manuel; Lourenço da Costa; António José da Luz; António Teixeira de Novais; João da Luz; Manuel Ribeiro; Francisco Rodrigues; Serafim e dois rapazes «pequenos marinheiros» (A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 45);

— marinheiros do escaler: José de Almeida; José Luis Tavares, José Manuel Rodrigues; João Monteiro; Francisco de Oliveira; José Manuel; António José Soares e Manuel Moreira (A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 46);

artistas na arte de tourear e de representar e vários fornecedores — desde os dos tecidos e aprestos para os trajos, até aos do sebo para as iluminações⁸³. Todos concorrem para transformar a festa num «aparato magnífico».

3.1 — *Artistas e artífices*

São também muitos os artistas e artífices, desde arquitectos e pintores aos carpinteiros e barristas que contribuem para a festa. A sua presença e a sua arte são uma constante. O engenho e a rapidez com que têm que executar as obras são uma necessidade.

Não possuímos informações sobre todos os artistas e artífices que concorreram com o seu esforço para as festas realizadas no Porto dentro do espaço cronológico que abrange o nosso trabalho, mas temos informações sobre a sua cooperação em algumas delas. É a memória do seu concurso para os festejos que queremos fixar:

1760 — casamento da Princesa do Brasil, D. Maria, com seu tio o Infante D. Pedro. Foram transformadas as cocheiras do palácio dos duques de Lafões, no Corpo da Guarda, em teatro. O risco para esta obra foi executado pelo pintor João Glama Ströberle⁸⁴. Nele trabalhariam como pintores: o mestre José Regioli; Domingos Teixeira Barreto; João André Chiappe; José dos Santos⁸⁵; Veríssimo Nunes e Manuel Carvalho⁸⁶;

1761 — nascimento do Príncipe da Beira, D. José. Executou os riscos para os «carros triunfantes», Luís António⁸⁷;

1775 — aniversário de D. José I e inauguração da sua estátua equestre no Terreiro do Paço. João Glama Ströberle

— máscaras das caras grandes: António Teixeira de Novais; padre João de Oliveira Pinto; António José Correia, sapateiro e António Francisco de Oliveira, carpinteiro (A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 47).

⁸³ A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fls. 8-15.

⁸⁴ A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fl. 112v.

⁸⁵ Ou José dos Santos Cartaxo.

⁸⁶ A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fls. 123-123v.

⁸⁷ A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fl. 128v.

foi incumbido de fazer as «pinturas finas dos 4 paineis reaes inscripção do pedestal da figura ou estatua da publica felicidade pintadas sobre esguião fino para serem iluminadas transparentemente» e a dita estátua de vulto⁸⁸;

1785 — duplo consórcio dos Infantes D. João e D. Mariana Vitória Josefa com os Infantes D. Carlota Joaquina e D. Gabriel. Aparece referido um Belchior Sanches que recebeu 43\$200 réis do «trabalho que teve da pintura y riscos nas obras do Ilustre Senado da Camara do Porto»⁸⁹;

1793 — nascimento da Princesa da Beira, D. Maria Teresa. O pintor José Teixeira Barreto pintou oito figuras⁹⁰ para a praça de touros do Campo de Santo Ovídio, que foi executado segundo o risco do ensamblador e architecto José Francisco de Paiva⁹¹;

1795 — nascimento do Príncipe da Beira, D. António. O pintor Domingos Francisco Vieira, pai de Francisco Vieira Júnior (Vieira Portuense), forneceu as tintas e pintou os «quadros das Pessoas Reaes para o carro»⁹²; o pintor Francisco Ribeiro das Neves recebeu 1\$440 réis por «pintar o Sol, e a Lua em vidro, e em algodão»⁹³ e José Francisco de Paiva encarregar-se-ia dos desenhos dos carros para o cortejo⁹⁴.

Para criar todo um cenário que provisoriamente alteraria a fisionomia da cidade, recorria-se assim aos melhores artistas que nela se encontravam e também a um grande número de artífices

⁸⁸ A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344-A, fls. 287-288.

⁸⁹ A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 42, fl. 131.

⁹⁰ A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 42, fl. 209.

⁹¹ A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 42, fl. 296. PINTO, Maria Helena Mendes — *José Francisco de Paiva. Ensamblador e Architecto do Porto [1744-1824]*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1973, p. 23.

⁹² A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 10v.

⁹³ A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 108.

⁹⁴ Cf. ilustrações.

que eram necessários para darem origem à «mise en scène» urbana⁹⁵ que permitiria transformar o espaço do quotidiano, naquilo que Bonet Correa denomina, uma porta aberta para a ficção — o maravilhoso feito realidade⁹⁶.

4. Espaço da Festa

O espaço da festa pode ser aberto ou fechado⁹⁷. No primeiro caso teremos as ruas, as praças os terreiros — os lugares por excelência dos festejos — e os jardins das casas. No segundo caso encontramos as igrejas, os teatros e algumas residências, geralmente as mais importantes da cidade.

No espaço aberto existe sempre a alternância do religioso e do secular⁹⁸. As ruas onde passavam os bandos e as máscaras seriam percorridas pelas procissões, o que acontecia com as praças e terreiros.

Conhecemos alguns dos espaços que a festa ocupou no Porto. As procissões que efectuavam «a volta da do Corpo de Deus»⁹⁹ saíam da Sé, em direcção ao Arco de Vandoma (Porta de Nossa Senhora de Vandoma), seguindo até Santa Ana; desciam a rua dos Mercadores; passavam a praça da Ribeira, rua da Fonte Taurina, Terreiro, S. Nicolau; subiam a rua das Congostas até S. Domingos; rua das Flores; rua Chã; terminando novamente na Sé¹⁰⁰. Um percurso mais dilatado percorreria o bando, que levava a notícia, participando-a e chamando a população para os festejos. Caminho diferentes percorreria o cortejo, quando da passagem do Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, que depois de deixar Vila Nova

⁹⁵ CHARPENTRAT, Pierre — *Théâtre et architecture baroque*, in «Baroque», Montauban, n.º 2, 1967, p. 112.

⁹⁶ BONET CORREA, Antonio — *La ultima...*, p. 8.

⁹⁷ BOITEUX, Martine — *o. c.*, p. 118.

⁹⁸ VELASCO, Honorio M. — *Las fiestas, drama y tensión*, in «Teatro y Fiesta en el Barroco. España e Iberoamérica», Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986, p. 175.

⁹⁹ A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 94, fls. 64-65.

¹⁰⁰ COUTO, Luís de Sousa — *Origem das procissões da cidade do Porto*, Porto, Publicações da Câmara Municipal do Porto, Documentos e Memórias para a História do Porto — I, s/d., mapa II.

de Gaia e de ter feito um percurso no Douro¹⁰¹, chegaria à outra margem junto ao cais de Monchique, de onde se formou a «cavalgata» que o levaria até ao palácio Monteiro Moreira, na Praça Nova, onde pernoitou; partindo no dia seguinte para Braga.

As praças da Cordoaria, Hortas, e Santo Ovídio foram locais privilegiados para os festejos, servindo os dois últimos para a construção de praças de touros, o que aconteceria, também, em 1785, «em hum dos arrabaldes da cidade no sitio chamado da Torrinha»¹⁰².

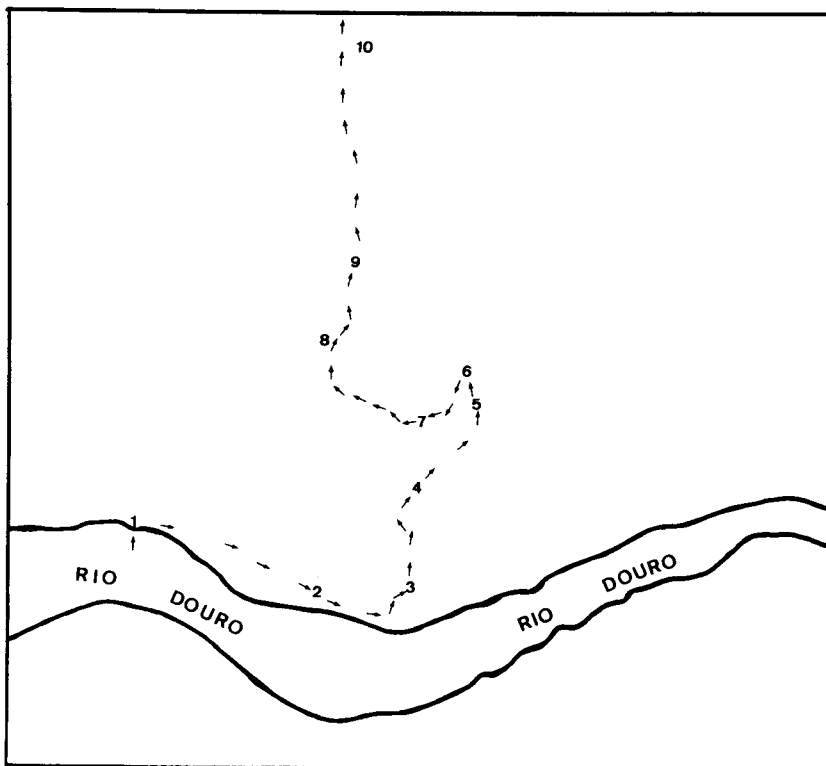
Os espaços fechados mais importantes eram as igrejas e os teatros. Entre as primeiras, a Sé seria sempre palco de manifestações de regozijo relacionadas com a Família Real. Outras serviram também para o mesmo fim. As igrejas do convento de S. Domingos; da Ordem Terceira de S. Francisco; da Ordem Terceira do Carmo; de Nossa Senhora da Graça; do mosteiro de S. Bento da Vitória; do mosteiro de S. Bento da Avé Maria; dos Clérigos e a capela da Venerável Irmandade das Almas e S. Francisco das Chagas. Entre os segundos, de 1760 a 1798, o Teatro do Corpo da Guarda serviu para os espectáculos de ópera e de comédias, espaço que seria substituído pelo Teatro de S. João, inaugurado naquele último ano.

Na Casa da Feitoria e no seu jardim fizeram-se grandes festejos em 1793, o mesmo acontecendo na Real Casa Pia, onde residia Francisco de Almada e Mendonça e que durante a sua vida, foi sempre um centro de manifestações festivas relacionadas com a Família Real.

Além destes espaços privilegiados para a festa, o rio, com os seus navios fundeados, era-o também. Em 1797, no dia do aniversário do Príncipe Regente, os negociantes do Porto mandaram

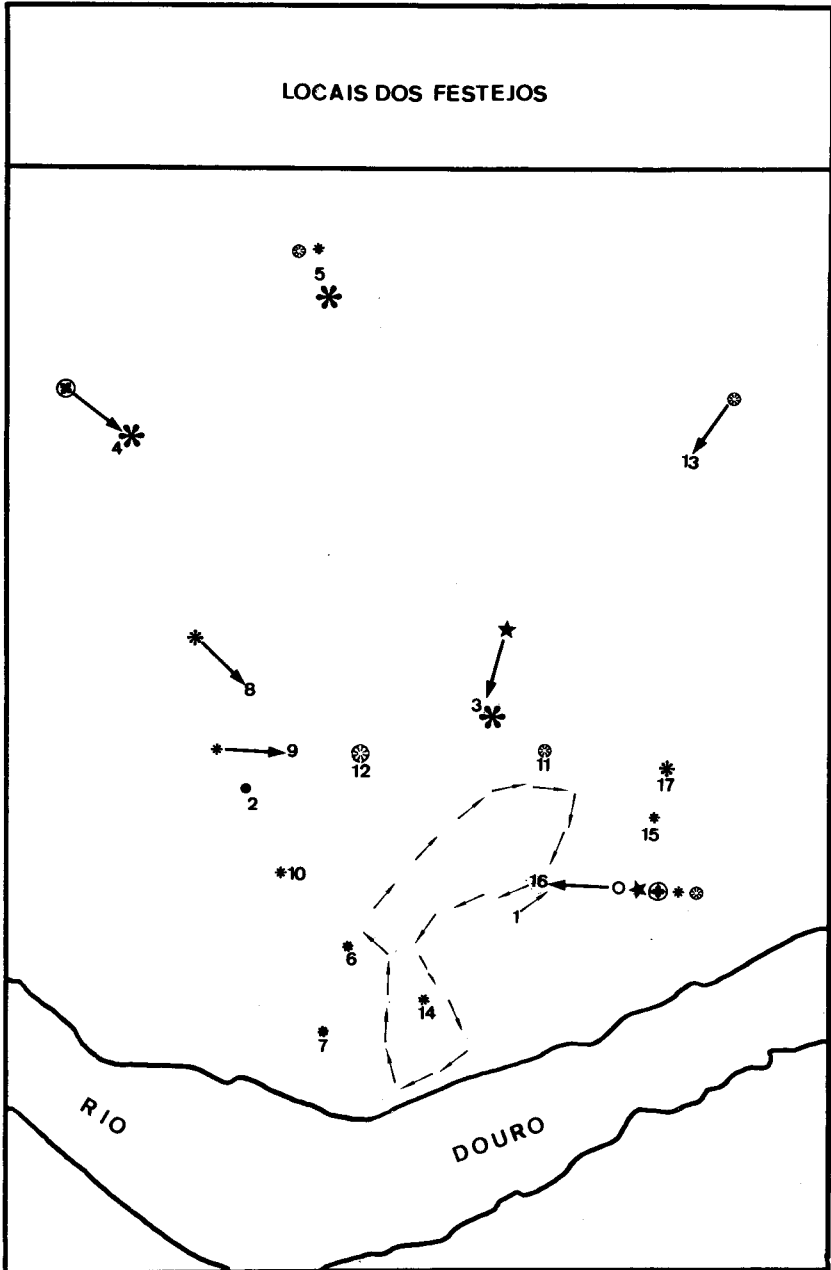
¹⁰¹ «Seguiu-se a derrota pela parte do Carvalhinho, monte das Fontainhas, e quinta da Fraga, até chegar à nova Fonte das Aguádas, donde voltarão decendo pela outra parte do montado de Quebrantoens, Capella do Senhor d'Alem, e Mosteiro da Serra; e daqui vierão avoga surda inclinando para o meyo do rio entre a Cidade, e Villa Nova». Sabóia, Manuel Ferreira da Costa e — *Fiel narraçam da passagem, que fez pelo Bispado e Cidade do Porto nos dias 30 de Setembro, primeiro, e segundo de Outubro de 1759 o Serenissimo Senhor Dom Gaspar Primaz das Hespanhas Arcebispo e Senhor de Braga*, Porto, Na Officina de Francisco Mendes Lima, 1760, p. 11.

¹⁰² «Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1785 (Julho, 16).



**PERCURSO SEGUIDO PELO CORTEJO DO ARCEBISPO DE BRAGA
D. GASPAR DE BRAGANÇA (1760.Outubro.01 — 1760.Outubro.02)**

- | | |
|-------------------------------|------------------------------|
| 1 — Cais de Monchique | 6 — Palácio Monteiro Moreira |
| 2 — Porta Nova ou Porta Nobre | 7 — Calçada dos Clérigos |
| 3 — Rua Nova | 8 — Largo dos Ferradores |
| 4 — Rua das Flores | 9 — Rua de Santo Ovidio |
| 5 — Porta de Carros | 10 — Lapa |



LOCAIS DOS FESTEJOS

- 1 — Sé
- 2 — Praça da Cordoaria
- 3 — Praça das Hortas
- 4 — Torrinha
- 5 — Praça de Santo Ovidio
- 6 — Igreja do Convento de S. Domingos
- 7 — Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco
- 8 — Igreja da Ordem Terceira do Carmo
- 9 — Igreja de Nossa Senhora da Graça
- 10 — Igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória
- 11 — Igreja do Mosteiro de S. Bento da Avé Maria
- 12 — Igreja dos Clérigos
- 13 — Capela da Venerável Irmandade das Almas e S. Francisco das Chagas
- 14 — Casa da Feitoria
- 15 — Real Casa Pia
- 16 — Teatro do Corpo da Guarda
- 17 — Teatro de S. João

FESTAS

- — Aniversário de D. José I (1757 e 1775)
- ✱ — Comemorações pelas melhoras de D. José I (1759)
- — Casamento da Princesa do Brasil, D. Maria (1760)
- ★ — Nascimento do Príncipe da Beira, D. José (1761)
- ⊕ — Duplo consórcio dos Infantes D. João e D. Mariana Vitória com os Infantes D. Carlota Joaquina e D. Gabriel (1785)
- * — Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793)
- ⊗ — Nascimento do Infante D. António (1795)
- * — Aniversários do Príncipe Regente (1796, 1797 e 1798)
- ⊗ — Regência do Príncipe D. João (1799)



— Praça de touros

— Percurso da procissão do Corpo de Deus

embandeirar todos os seus navios e as embarcações que se achavam no Douro, desde a barra até ao sítio dos Guindais, «os quaes pelo seu numero e dobradas bandeiras fazião a mais agradável vista,e derão 3 salvas ao amanhecer, ao meio dia e ao Sol posto»¹⁰³.

5. Festa e efémero

A festa é o mundo do efémero¹⁰⁴. A cidade recebia uma decoração — luminárias, edificios cuja duração terminava com o fim da festa, colgaduras nas janelas, ervas cheirosas nas ruas — que criava um cenário que temporariamente disfarçava (ou tentava disfarçar) a realidade¹⁰⁵. É imenso o campo para o estudo do efémero nos festejos associados à Família Real, desde a decoração das igrejas aos bailes e banquetes, há todo um conjunto de manifestações que permitem abordá-lo. Daí, neste momento, o fazermos apenas através das luminárias, do fogo de artifício, do traje, dos carros alegóricos e da arquitectura.

5.1 — As Luminárias

As luminárias que para as comemorações adornavam as casas durante a noite alteravam o aspecto «diurno de las arquitecturas introduciendo la magia resplandeciente de un alumbrado inhabitual»¹⁰⁶. Utilizavam tochas de cera, «tijelinhas» e lampiões¹⁰⁷.

¹⁰³ «Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1797, (Maio, 27).

¹⁰⁴ DELL' ARCO, Maurizio Fagilo — *o.c.*, p. 205.

¹⁰⁵ BONET CORREA, Antonio — *o. c.*, pp. 7-8. DÍEZ BORQUE, José María — *ob. cit.*, pp. 20-21.

¹⁰⁶ BONET CORREA, Antonio — *Arquitecturas...*, p. 60.

¹⁰⁷ Em 1795, José Narciso de Carvalho forneceu:

2 lampiões grandes de 4 vidros	a	480	\$960
4 lampiões de 6 vidros	a	480	1\$920
7 lampiões de vidros grandes	a	300	2\$100
6 lampiões mais pequenos	a	240	1\$440
6 lampiões de 6 vidros e de oito	a	240	1\$440
21 lampiões de 4 vidros	a	150	3\$150

A.H.M.P., *Livro de Festejos*, n.º 344, fl. 91.

A sua disposição exigia estudos prévios. Em 1793, antes do nascimento da Infanta D. Maria Teresa, o povo do Porto preparava não só os vestidos para as máscaras mas também fazia «plantas para as iluminações»¹⁰⁸.

Nessa altura, Francisco de Almada e Mendonça para festejar o acontecimento organizou na sua residência — a Real Casa Pia — uma «muito gostosa vista de iluminação toda de diversas pinturas sobre papel» mandando colocar no frontispício seis tarjas¹⁰⁹ de madeira com dísticos «que com os lumes por dentro aparecem as letras de encarnado»¹¹⁰. Toda esta decoração tinha, no meio do edifício, por remate uma pirâmide também com um dístico.

A associação de luminárias e dísticos alusivos ao acontecimento não se limitaram à Casa Pia, já que «todo o povo deu hum sinal de muito gosto nas illuminações»¹¹¹. Algumas destas foram admiradas, como as que fizeram: José Pinto da Cunha, «illuminando a sua caza do Caes Novo com boas vistas»; João Francisco Guimarães, «fazendo o mesmo, tendo no meio da illuminação a figura de

¹⁰⁸ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹⁰⁹ Dísticos da Casa Pia «sendo a sua ordem de lê-los vindo de Santa Clara para a referida Casa Real»:

- 1.º — «Selébre a Luza gente em seus louvores
A felis successão da Monarchia
Seus Augustos fieis Progenitores»;
- 2.º — «Soem vivas de gosto, e d'alegria
Que Augusta Successora ao Regio Throno
O Céu concêde à Luza Monarchia»;
- 3.º — «À vóz d'Almada uní Povo Leal
Alegres vivas, com que festejeis
A successão felis de Portugal»;
- 4.º — «O Céu felicitou nossa esperança
E conservará por seculos eternos
A successão da Caza de Bragança»;
- 5.º — «Assumpto as Muzas tem de preferencia
Vê Maria Primeira sempre Augusta
Perpetuada a sua descendencia»;
- 6.º — «N'alta Rima decante o Louro Apóllo
A gloria Luzitana, a Regia Prole
Seu Nôme leve a Fama Pólo, a Pólo».

B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹¹⁰ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹¹¹ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

Astrêa com o escudo de Portugal na mão direita, e em baixo em hum pedestal a inscripção seguinte — Da Princeza da Beira / Serei fiel / E eterna companheira»; e a de D. Vicente Gregorio Garcia que mandou armar defronte da sua casa «em huma trincheira, huma figura em forma de edificio com seus emblemas, e diversas pinturas, que para as exprimir seria preciso muita escripta, o que se noticia pela mais breve e forma seguinte»:

«No cume do edificio, e meyo delle tinha a figura da Fama tocando em hum clarim com a seguinte inscripção = Da Gloria de tão fausto Nascimento / De Momento, em Momento / Cantando espalharei por toda a parte / Se a tanto me ajudar engenho, e Arte = Seguirão-se por ordem, por cima da cornije as figuras da Relegião, Prudencia, Jurisprudencia, Mathematica, Geometria. Estas estavam do lado direito, do esquerdo as seguintes Milicia, Pintura, Escultura, Magnanimidade e Temperança. No meio hum emblema na figura de dois anjinhos pegando em huma estrela a qual tinha debaixo o seguinte distico = Nasce logo tão bella, que annuncia / Supremos bens à Luza Monarchia = Seguia-se huma base a qual em cima tinha as armas de Portugal e à volta dela as figuras das quatro partes do mundo, cada huma delas com hum coração na mão oferecendo-o a estrela e no chão a figura do Tempo olhando com admiração, e a fouce e as asas lançadas por terra com a seguinte quadra = Do velós Tempo / Estragos não receya / Que a portentosa luz / O encanta e enleya = Antes desta quadra estava a dita base com huma inscrição no centro que dizia = Secula / vincit = Tinha do lado direito a figura do Douro e a cidade com a seguinte inscrição = Tras a Brilhante Estrella / A idade d'ouro / E sem ceder ao Tejo / A applaude o Douro = Confrontava esta com a do lado esquerdo a figura de Amatea porem sem inscrição»¹¹².

A Casa da Feitoria, para os mesmos festejos, espantaria os portuenses com as suas luminarias — «os vivos velhos dizem

¹¹² B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

nunca tal virão no Porto»¹¹³. Fizeram uma iluminação de tigelinhas «que estava muito galante pelo centilar dos lumes, que parecião estrelas» e que continuaria «em todas as noites» sendo diversa «na forma da figura» ficando quem a presenciou «em dúvida qual seria a melhor»¹¹⁴.

Constituíam assim as luminárias uma das formas de criação de uma das artes efémeras relacionadas com a festa, que ao contrário de muitas outras, era acessível a todos, já que a sua disposição e efeito dependia do gosto de cada um, mas permitia também composições dispendiosas, nas quais à luz se associavam outros artificios.

5.2 — Fogo de artifício

O fogo de artifício era outra constante nos festejos¹¹⁵. Mas enquanto que as luminárias podiam ser criações de cada um, aquele exigia especialistas, e devido ao seu custo fazia parte do programa organizado pelas entidades oficiais ou por parte de alguém que, pela sua fortuna, o incluía nos festejos que organizava.

A complexidade da sua organização e os conhecimentos que eram necessários para a levar a efeito, levou ao aparecimento de diversos tratados sobre pirotecnia¹¹⁶.

Nos festejos realizados devido ao casamento da futura D. Maria I, foi construído um «castelo de fogo»¹¹⁷, onde se gastaram 837\$233 réis, forma arquitectónica escolhida para a girândola e que nos faz recordar a ligação estreita que existiu entre o fogo de artifício e a arte da guerra, ainda que o primeiro fosse, pouco a pouco, ganhando autonomia¹¹⁸.

O fogo de artifício estava muitas vezes associado ao local onde se realizavam as touradas. Em 1793, a praça de touros do Campo

¹¹³ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹¹⁴ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹¹⁵ «Ogni festa si conclude di solito com un artificioso spettacolo pirotecnico: una vistosa metafora della pace guerreggiata». DELL' ARCO, Maurizio Fagiolo — ob. cit., p. 207.

¹¹⁶ OECHSLIN, Werner e BUSCHOW, Anja — ob. cit., pp. 19-42.

¹¹⁷ A.H.M.P., Livro de Festejos, n.º 344-A, fl. 103.

¹¹⁸ OECHSLIN, Werner e BUSCHOW, Anja — ob. cit., p. 26.

de Santo Ovídio foi iluminado durante seis noites, «em 3 das ditas houve hum copiosissimo fogo, tanto do ar, como prezo de novo gosto e diferentes vistas»¹¹⁹.

5.3 — Trajos

O traje¹²⁰, pelo colorido, pela fantasia e pelo luxo — muitas vezes a ilusão do luxo, já que este era apanágio de poucos — era um dos aspectos que as *Relações das festas* sempre realçaram, algumas vezes com grande pormenor.

Esta manifestação característica da festa aparece sob duas formas: pelo contributo dos particulares, que são atraídos para participarem através do incentivo à máscara¹²¹, e pelos bandos e cortejos que as entidades oficiais organizavam e onde eram despendidas avultadas verbas.

5.4 — Carros alegóricos

Os carros — triunfais e alegóricos — constituíam uma das mais originais criações do efémero¹²², e eram, segundo Díez Borque, «formas parateatrales»¹²³ constituídas por quadros alegóricos e simbólicos — fixos ou em acção¹²⁴.

Temos no que diz respeito ao Porto um número considerável de informações da presença na festa desta expressão artístico-simbólica que já foi denominada por «arte da locomoção»¹²⁵ e que

¹¹⁹ *Relação das festividades...*, p. 6 Um documento de 10 de Janeiro de 1793, refere-se a Jerónimo Rodriguez e a seu irmão Lourenço Rodriguez «fogueteiros de nasção espanhola» e moradores no «citio» de Nossa Senhora da Lapa, que tinham feito «entre si huma sociedade em negocio de fogo do ar», cuja sociedade tinha terminado. A.D.P., Po-9, 4.ª série, n.º 207, fls. 54v.-55v.

¹²⁰ «l'uomo [...] pensa prima di tutto a qualificare esteticamente il proprio corpo. L'uomo-vestito come misura di tutte le immagini». DELL'ARCO, Maurizio Fagiolo — *o. c.*, p. 205.

¹²¹ Cf. doc. n.º 2.

¹²² DELL'ARCO, Maurizio Fagiolo — *o. c.*, p. 206. BONET CORREA, Antonio — *Arquitecturas efímeras...*, p. 46.

¹²³ DÍEZ BORQUE, José María — *o. c.*, p. 36.

¹²⁴ Idem, *ibidem*, p. 36.

¹²⁵ DELL'ARCO, Maurizio Fagiolo — *o. c.*, p. 206.

aparece nos cortejos que precediam a tourada, onde um ou dois carros tinham também uma função prática que consistia em «auguar» o curro. Sairam carros em:

1761 — nascimento do Príncipe da Beira, D. José. O Senado da Câmara mandou fazer quatro carros «dois de triunfo representando hum a cidade de Lisboa e outro a do Porto e dois de auguar»¹²⁶;

1785 — duplo consórcio dos Infantes D. João e D. Mariana Vitória Josefa com os Infantes D. Carlota Joaquina e D. Gabriel. Nos dias em que realizaram touradas — 24, 25 e 26 de Junho — atrás da figura da Fama «ricamente vestida, montada em hum soberbo cavallo», corria «o terreiro hum chafariz d'excelente arquitectura, tirado por quatro mullas, para apagar o pó» seguido de «huma carroça de 50 palmos d'altura, puchado por 6 cavallos ricamente arreados. Nella se representava o Parnaso, onde se vião Apollo, as nove Musas, e outros Deoses da Gentilidade (...) acompanhadas d'huma completa Orquestra, que com vestidos apropriados se achava collocada na falda daquelle monte», sucedendo-se outra «em fórmula de não, ornada com vasos de mimosas flores artificiaes, onde hia outra excellente Orquestra, e na camara hum throno com duas figuras allusivas ao objecto da festividade»¹²⁷;

1793 — nascimento da Princesa da Beira, D. Maria Teresa. Nesta altura foram construídos cinco carros, que saíram pela primeira vez em 2 de Junho, que foi o primeiro dia de touros:

1.º — carro de «agoar a Praça» que «mostrava hum grande chafariz guarnecido com os sinco sentidos, lançando agoa pelas suas respectivas partes,

¹²⁶ A.H.M.P., *Livro de Vereações*, n.º 84, fls. 155v.-156v.

¹²⁷ «Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1785 (Julho, 16).

e nos angulos da balustrada, que lhe servia como de base, se divisavão quatro figurões de meio caracter para melhor adorno do mesmo carro»;

- 2.^o — um pequeno carro com um baile de pretinhos pequenos «em figura de nuz» com penachos na cabeça, que na *Relação* é designado por Amor Portuense «em fôrma de huma concha que servia de sustentaculo à Deosa Venus, que no regaço acariava o vendado Cupido. Na frente da concha estavam duas pombas, como symbolo do Amor: ao lado direito se divisavão as Armas Reaes, e ao esquerdo as da Cidade: este Carro era ornado com seys Nynfas, e tiravão por elle quatro meninos de 8 annos, que figuravão os genios, precedendo-lhe huma dança de 9 Americanos pretos da mesma idade, que executavão unidos hum jocoso baile»;
 - 3.^o — um carro em figura de «Globo do Mundo» o qual trazia no centro debaixo de um docel «as imagens dos Senhores Principes»;
 - 4.^o — um carro «que figurava huma aspera montanha, e que a seu tempo se transformava em huma delicioza barraca Chinezza»;
 - 5.^o — um carro «em figura de barca» que era o último e que na *Relação* é denominado Carro de Marte¹²⁸;
- 1795 — nascimento do Príncipe da Beira, D. António. Sairam quatro carros:
- 1.^o — um carro em forma de chafariz «barrufando» o campo, e que tinha em cada um dos lados um «Filozopho», cada um com a sua insígnia;
 - 2.^o — um carro que figurava «o Parnazo», o qual

¹²⁸ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls. *Relação das festividades...*, pp. 4-5.

trazia «hum bello pedestal, e sobre elle o retrato da Rainha Nossa Senhora em pintura ficando lhe pouco mais abaixo o retrato do Principe e Consorte figurados nos lados e seguindo-se logo o retrato da Princesa nova, ficando lhe hum quazi nada por diante o novo Principe» (Est. 1);

3.º — um carro com «hum monsturozo elefante o qual debaixo tras hum leão olhando para o mesmo, e o dito elefante leva sobre o costado hum camarim»; este carro era o dos «chinos» (Ests. 2 e 3);

4.º — o último carro formava «a figura de huma nau de guerra»¹²⁹;

Pela composição, pelo artifício e efeito de surpresa — aspecto relevante na festa barroca — esta arquitectura efémera em movimento era um dos aspectos mais importantes da festa. Usufruíam-na os que ocorriam ao curro e os que não o podiam fazer. Em 24 de Julho de 1795, Francisco de Almada e Mendonça «fez sair à rua e conventos os carros triunfantes e danças»¹³⁰, o que permitiu que mais uma vez a cidade, na sua quase globalidade, fosse o grande palco da festa.

5.5 — *Arquitectura*

Os festejos exigiam muitas vezes a construção de algumas estruturas arquitectónicas cuja perenidade dependia do tempo da festa.

Em 1757 para comemorar o aniversário de D. José I, foi edificada uma fortaleza, no Campo da Cordoaria, «em forma triangular ficando a Porta principal della fronteira ao Convento do Carmo com huma Ponte Levadissa, e seu Fosso»¹³¹, para o exercício militar. No mesmo local, em 1775, para o aniversário do monarca foi levantado «hum templo de ordem dorica sustentando oito colunas o seu pavilhão ao qual cobria hum zimbório, em cujos

¹²⁹ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹³⁰ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹³¹ MELMEZI, Ângelo Amado — *o. c.*, p. 4.

quatro lados se vião coroando, as Armas Reaes, e a Esfera iluminadas transparentemente, e em baixo a figura da Publica Felicidade colocada sobre pedestal no centro do edificio»¹³².

Também na segunda metade do século XVIII, foram construídos três curros, o mais importante dos quais no Campo de Santo Ovídio em 1793, para os festejos do nascimento da Infanta D. Maria Teresa. Segundo a *Relação* era a praça:

*«mais bella, e magnifica que neste Reino se tem visto para se correrem Touros, e se fazerem Cavalhadas, e outros espectaculos (...). A praça era formada em hum octogono regular, ao nascente ficava o grande portico principal em arco de volta redonda na largura de 24 palmos em proporção dupla, ornado com pilastraes dobradas da ordem Dórica, e cuberto com sua simalha correspondente; por cima desta se divisavão as armas da Cidade, terminando o portico em huma bellissima balaustrada de perspectiva com suas pyramides que tudo excedia a altura de 130 palmos. Defronte deste portico, e lado do Poente ficava o Camarote do Senado occupando o centro de hum dos lados, formando hum corpo dividido por pilastras, que sustentavão huma bem executada impenna da ordem Dórica, dentro da qual se vião as Armas Reaes, ornadas de bandeiras, e triunfos, e varias figuras que terminavão a parte superior do frontão: os mais lados se dividião em número igual de Camarotes, que por todos se contavão 150 ornados de boas pinturas, e nos angulos varios obeliscos, e pyramides entre as quaes se divisavão as Divindades gentilicas, que servião de ornato á Praça pela relação que tinham com os objectos que na mesma se havião de observar. De huma parte se descobria o valente Alcides subjugando o bravo Touro, da outra o Musico Apóllo tocando a dourada Lyra, e assim as mais nos seus empregos»*¹³³.

Executada a traça deste curro por José Francisco de Paiva, começou a ser levantada a partir de 4 de Abril de 1793, concluindo-

¹³² A.H.M.P., *Livro do Cofre*, n.º 28, fl. 286.

¹³³ *Relação das festividades...*, p. 3.

do-se em Junho¹³⁴. A frente da obra encontrava-se o mestre carpinteiro Manuel de Araújo. Esta praça de touros seria conservada alguns anos, já que, foi a mesma que serviu para os festejos de 1795, efectuados devido ao nascimento do Infante D. António.

6. Exotismo

Nos elementos decorativos que frequentemente aparecem nos lugares onde a festa se iria realizar bem como na escolha dos temas para os carros e para os «bailes» que os acompanhavam predominava o gosto pelo exótico. A procura do estranho e do bizarro é uma das características do barroco¹³⁵ — a festa seria um vasto campo da sua expressão.

A partir de cerca de 1550¹³⁶, as relações de viagens são ilustradas com gravuras¹³⁷ que representavam de uma forma por vezes muito precisa, os diversos povos. As reproduções em gravura executadas por Teodoro de Bry, em 1591, a partir dos desenhos de Jacques Lemoyne de Morgues, pintor que acompanhou a expedição francesa de René de Laudonnière à Florida, diversas vezes reimpressas, contribuíram para o gosto pelo exótico¹³⁸, que outras publicações seiscentistas e setecentistas iriam propagar. O homem do barroco teria uma imensa curiosidade pelas «singularidades» dos países não europeus¹³⁹.

Nos festejos que se fizeram no Porto, recorreu-se ao exotismo através de elementos inspirados na China, e na América. Também vamos encontrar, nestas manifestações festivas a permanência dos «infiéis», através de cortejos de mouros e turcos.

A influência das artes da China e do Japão e o interesse pelos costumes destas duas civilizações desenvolveram-se na Europa

¹³⁴ A.H.M.P., *Livro dos Festejos*, n.º 344-A, fls. 165-208.

¹³⁵ VANUXEM, Jacques — *Baroque de surcharge et baroque de mouvement*, in «Baroque», Montauban, n.º 9-10, 1980, pp. 122-124.

¹³⁶ BRUN, Robert — *Les thèmes coloniaux dans l'arte décoratif du XVI^e au XIX^e siècle et leurs sources documentales*, in «La Revue de l'Art», Paris, tomo LIX, n.º 326, 1931, p. 194.

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p. 194.

¹³⁸ Idem, *ibidem*, pp. 194-198.

¹³⁹ BAZIN, Germain — *Destins du baroque*, Paris, Hachette, 1970, p. 212.

principalmente a partir do século XVII¹⁴⁰, onde chegavam os mais diversos objectos — tecidos, porcelanas e lacas — que iriam influenciar as artes europeias incluindo a arquitectura¹⁴¹. Não é de estranhar que a festa fosse mais um exemplo desse gosto¹⁴². Em 1793, na Casa da Feitoria, a sala destinada à ceia formava «hum perfeito bosque á Chinezza»¹⁴³ e um dos carros que nessa mesma altura apareceu no cortejo tinha «huma deliciosa barraca Chinesa». Para os festejos de 1795 fizeram o carro do elefante dentro do mesmo espírito, onde não faltava uma figura que representava «o imperador dos chinos» que tinha na mão direita «hum ceptro e na esquerda hum guarda sol chines», e era acompanhado por um «baile» de doze pares de chineses.

No cortejo pelo nascimento da Infanta D. Maria Teresa havia uma «dança de 9 Americanos pretos»¹⁴⁴, que acompanhavam o segundo carro.

A presença de mouros e turcos é dentro do gosto pelo exotismo uma constante: em 1785 saíram duas danças de «Genizaros» e outra de «Mouros»¹⁴⁵; e em 1795, à frente do quarto carro ia um baile de doze pares de «janizaros prezos com cadeias»¹⁴⁶. A existência de turcos nas fronteiras da Europa, e o perigo que eles simbolizavam, suscitou, segundo Germain Bazin, a curiosidade dos europeus. Após a vitória de Lepanto — 1571 — os turcos e os mouros simbolizariam, muitas vezes, na arte e na festa «os poderes do mal e os inimigos vencidos»¹⁴⁷. Associados aos turcos, mas

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, pp. 217-220.

¹⁴¹ BRAHAM, Allan — *L'Architecture des Lumières de Soufflot à Ledoux*, Paris, Berger-Levrault, 1980, p. 71, p. 224 e p. 247.

¹⁴² ERICANI, Giuliana — *L'«Impero Della China» sulla scena e nella festa veneziana tra sei e settecento*, in «La scenografia barocca», Bologna, Editrice Clueb, 1982, pp. 95-104.

¹⁴³ «Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1793 (Agosto, 31).

¹⁴⁴ Relação das festividades..., p. 4. O indígena do Novo Mundo fascinava os europeus da segunda metade do século XVIII: «c'est l' indigène d'Amérique qui paraît le plus différent et le plus complexe». BOWLING, Townsend Whelen — *L'Européen rencontre l'indigène du Nouveau Monde dans le roman français*, in «L'homme des Lumières et la découverte de l'autre», Bruxelles, Éditions de l'Université, 1985, p. 213.

¹⁴⁵ «Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa», Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1785, (Julho, 16).

¹⁴⁶ B.P.M.P., Ms. 62, s/fls.

¹⁴⁷ BAZIN, Germain — *o. c.*, p. 212.

prefigurando a muralha humana que se opunha ao seu avanço aparecem os húngaros, que em 1793¹⁴⁸, formavam «huma luzida guarda» ao carro de Marte, e que pelos seus trajos fazem parte do exotismo que seduz os organizadores e os espectadores da festa barroca.

Conclusão

Neste breve estudo sobre a festa associada à Família Real, procuramos apontar alguns dos temas que aquela nos oferece. Qualquer deles são campos de trabalho, já que muito há a fazer para um melhor conhecimento sobre um assunto tão actual como fascinante. A vontade de continuar dentro desta temática e a consciência das lacunas da nossa abordagem, criaram o estímulo que nos permitirá permanecer ligados a ela.

A festa barroca — espectáculo público e efémero — que comemora os acontecimentos familiares da Casa Real, foi uma forma de centralização monárquica e de reforço do poder do Estado (Jean Jacquot). Fora da capital e das zonas onde a presença física da Família Real se fazia sentir, serviu para que aquela, através de retratos, da emblemática e das «orações», estivesse presente. Assim as figuras quase míticas que viviam em Lisboa ou Queluz aproximavam-se da população. A monarquia, símbolo do estável e permanente — «desde que houverão Sociedades se erigirão Reis» — fazia a sua «propaganda» utilizando o efémero.

Fenómeno essencialmente urbano vai necessitar para a sua concretização da mobilização de esforços diversificados, com os quais a festa poderá realizar aquilo que com ela se pretende — demonstrar o afecto e o regozijo de todas as classes perante algo que alegrando os Braganças era sentido com júbilo pelos portugueses.

Todo um programa era organizado de forma a que a festa, através da música, do movimento, da côr, do efeito de surpresa, atraísse pelos sentidos e transportasse uma população cansada pelo quotidiano, para o maravilhoso.

148 *Relação das festividades...*, p. 5.

APÊNDICE DOCUMENTAL

Documento n.º 1

1793

Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793, Abril, 29)**B.P.M.P., Ms 565, fls. 237-241**

«Noticia das festas que se fizerão na cidade do Porto, pelo tão desejado e feliz nascimento da Serenissima Senhora Princeza da Beira D. Maria Tereza.

Foi no dia de quinta feira 2 de Maio de 1793, pelas nove horas, e meia da manhã, que chegou hum correio da Secretaria de Estado ao Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo desta Diocese Portuense com a faustissima noticia do felecissimo, e geralmente desejado nascimento da Nossa Amabilissima Princeza da Beira, Augusta Filha dos Principes Nossos Senhores. Não pode explicar-se com palavras o regozijo, e contentamento, que mostrou aquelle Prelado com esta agradavel noticia; e como elle com lagrimas de gosto, e de prazer se congratulava no meio da sua familia por ter chegado a gozar em os seus dias o maior dos beneficios, que recebeu do Cêo o nosso Reino. Em huma das janelas do seu palacio leo Sua Excelencia o Avizo Regio, e fez saber ao immenso povo, que tinha acompanhado o correio desde a Porta da Ribeira (e que se hia augmentando à proporção, que passava pelas ruas athe chegar ao portal do Palacio Episcopal, onde esperou de ouvir o dito fim de seu destino) fez saber Sua Excelencia a este povo pelo modo mais alegre, que Portugal já tinha subcessão em os seus Principes no perciozo nascimento de huma Princeza. Não se tinham ainda bem ouvido estas vozes quando os repetidos vivas de toda a multidão bem derão a conhecer, que não podião conter por mais tempo nos seus coraçoes hum prazer tão excessivo; e como querendo todos serem os primeiros, que levassem aos seus compatricios estas nova, e unir com os delles os seus affectos, sahirão todos apos o correio pelas ruas desta cidade clamando = Viva, viva a nossa Princeza vivão os nossos Principes = Estes clamores misturados com os repiques dos sinos de todas as igrejas, authorizados pelos da cathedral, excitavão nos coraçoes fieis de todos os portuenses os maiores, e mais ternos sentimentos de consolação, e de prazer, quaes só poderia expressar, e perceber hum espirito verdadeiramente grato, e sensivel a tão relevante beneficio do nosso Deos, e penetrado de hum amor sincero pela prosperidade e gloria da sua Patria. Sendo pois assim publica em toda a cidade esta ventura, e certificado tambem della o Illustrissimo Senado se principiarão de dar as precisas providencias, para se darem a Deos os devidos louvores e açoes de graças; bem como de permittir todos os festins com que os portuenses quizessem provar o seu contentamento. Sua Excelencia mandou logo que se adornasse a cathedral com toda a

riqueza, e magnificencia, apezar de todo o custo, para no dia, que houvesse de determinar, dar ao Omnipotente as graças por hum solemne Pontifical, e Te Deum. O Illustrissimo Senado fez logo tambem publicar por hum vistozo bando a agradavel nova que lhe fôra communicada; apor (sic) o qual hia outro de mascarados, annunciando a todos a liberdade para os festins que lhes ditasse o seu genio grande e generoso. Este se demonstrou logo nessa noute pelas vistozas luminarias, que puzerão todos os portuenses. Era na verdade digno de verem-se até nas janelas dos mais pobres, e indigentes como cada hum se desvelava em justificar por este modo o seu interno regozijo; e não faltando por isso em huma só rua a mais humilde caza, que não estivesse illuminada, offerecia toda a cidade o mais agradavel espectaculo. Sendo primeiros os ecclesiasticos, que derão ao exemplo do Prelado estes signaes de tanta satisfação por tres noutes successivas, e principiando na segunda dellas o resto dos habitantes, ficarão sendo aquellas quatro noutes mais apeteceveis, que o proprio dia, tanto pela variação, na composição, e semetria das luzes, como pelo innumeravel concurso de pessoas de hum, e outro sexo, de huma, ou outra qualidade, e jerarchia, que passeava pelas ruas, a verem, e admirarem huma scena, de que os mais antigos lhe não davão memoria alguma. O tempo necessario para se armar a cathedral tão rica, e preciozamente como nunca se vio, deo lugar a que fossem os militares os que na igreja da Senhora da Graça agradecessem primeiro ao Ceo este beneficio; o que fizerão com a maior pompa no dia (9) de Maio, completando esta acção com huma salva real dada por ambos os Regimentos da guarnição desta cidade, e pela companhia de Artilheiros, que se achão actualmente no Castello da Foz, e que trouxerão 4 peças de calibre de 4, e 6 para darem suas salvas, como derão entre a de hum, a outro Regimento.

Chegou finalmente o dia 12 de Maio, fixado por Sua Excelencia em publicos editaes para a Acção de Graças. De manhã celebrou de Pontifical á cujo acto assistirão o Corpo do Senado, nobreza, e povo, todo o clero secular, e religiosos de todas as religioens. Esta mesma numeroza, e respeitavel assemblea veio de tarde assistir ao Te Deum; depois do qual recitou huma oração o reverendo padre mestre Dr. Frei Bartholomeu Brandão, assás conhecido pela sua literatura, e eloquencia do pulpito. Acabada a oração, se formou huma solemne porcição com o Sanctissimo Sacramento que levava o Illustrissimo Deão da Cathedral, a quem o entregou o Excelentissimo Prelado á porta da mesma cathedral, por não poder por si mesmo leva-lo, em rezão não só dos seus muitos annos, mas das suas actuaes enfermidades. Ora sobre o regozijo commum, que era muito de subeiço para obrigar a todo o clero a assistir a esta porcição; quis o Excelentissimo Prelado, que tivesse elle o merecimento de obedecer, e fugir á pena de suspensão que lhe fôra posta, quando não assistisse. Concorreo portanto o clero numerozissimo, que tem esta cidade; que com as communitades religiosas convidadas pelo Excelentissimo Prelado, Illustrissimo Cabido, Senado, e os dous Regimentos, que guarnecem esta cidade fizerão a procissão mais completa, devota, e agradavel. Sua Excelencia que a estava esperando, apenas entrou o Sacramento o tomou das mãos do Illustrissimo Deão, e feitas as devidas seremonias, o recolheu no Sacrario ao som das salvas de ambos os Regimentos. Muito ainda se podia dizer relativamente a esta piedoza acção se não fosse preciso passar avante, deixando aos que tem bom conhecimento do espirito dos portuenses o conciderar no quanto elles dezempenharão por então o seu character; e como este reassumido nos illustres, e magnanimos coraçoes do respeitavel Corpo do Senado, forão tambem dar na mesma cathedral os devidos louvores

ao Omnipotente pelo beneficio feito a esta monarchia. No dia 16 de Maio foi que outra vez se vio huma solemnidade bem igual em tudo á primeira, e só com a differença de não celebrar de Pontifical. mas assistir somente o Excelentissimo Prelado, e de ser o orador o reverendo padre mestre jubilado Fr. Joze Pedro da Transfiguração, Menor Observante da Provincia de Portugal, cuja literatura e eloquencia não deferindo muito da do primeiro bem justificou pelo modo mais energico, paixão patriotica, e estilo evangelico, ser esta Acção de Graças huma divida de justiça ao supremo, e providente Deos pelo muito que sempre vigiara, e vigia ainda hoje sobre o nosso Reino.

Depois destas demonstraçoens de religião, e gratidão, acompanhadas sempre de luminarias em toda a cidade, se seguirão as festas publicas. Muitos mascarados com exquezitos, e jocosos inventos, adornavão todos os dias as ruas do Porto, fazendo-se entre elles singulares trez muito ricos, e vistozos bailes que merecerão a attenção de todos. No grande bem delineado, e aprazivel curro, que se fez no largo de Santo Ovidio, e aonde a riqueza resplandecia com a arte, ouverão pelo espaço de oito dias combates de muitos touros. A todos estes combates precedião quatro carros triunfaes, que pela idea, e magnificencia, e dezempenho fazião hum espectáculo assás maravilhoso. Era o primeiro o carro dos Amores, tirado por quatro genios, e seguido de hum baile de pequenos indios, nos quaes se admirava a prompta e engraçada execução da sua dança. Era o segundo huma grande esfera, em que vinhão as imagens em vulto dos nossos Amabilissimos Princepes, e aos pes delles hum coro cantando ao som de instrumentos huma letra analoga ao objecto (vai na colleção das obras). Vinha fixado este globo, e se abria de repente logo que chegava defronte do Senado, aonde tendo repetido a letra, rodeava depois todo o campo, recebendo aplauzos, e vivas com reverentes cortezias, e homenagens. Era o terceiro huma caza de campo chinesa, apóz hum numerozo baile de chinos, que pela riqueza, e propriedade dos vestidos, e mascaras fazião sobresahir a natureza da dança daquella amacacada nação. Era o quarto hum navio, em que vinhão ricamente vestidos muitos marinheiros com bandeiras humas brancas outras encarnadas, outras azuis. Estes marinheiros, logo que chegavão ao meio do curro descião do navio, e se vinhão ajuntar com hum piquete de soldados, para todos fazerem hum baile, que desempenhavão com o maior primor. Este carro era na verdade pelo seu garbo, e pela sua bizzaria, o que mais enchia a vista, e o coração dos spectores. Terminava se isto com a luta dos touros: e em muitas noutes, que mediavão entre os dias destas lutas, e bailes, houverão bellas illuminaçoens, fogo de arteificio tanto prezo como do ar, cavalhadas, outeiros, e varias outras demonstraçoens de festejo, e de prazer, a que sempre assistio hum concurso inumeravel, que tanto dentro, como fora daquelle campo se desvelava em celebrar por differentes, e ingrassados modos a commua felecidade.

Não deve passar-se em silencio nem a riquissima, e formozissima illuminação, que fez a nação ingleza na Caza da Fatoria, nem a que fez o Illustrissimo Dezembargador Corregedor Francisco d'Almada na Caza da Calceta, nem as de alguns particulares desta cidade, nem o darem-se mais dous dias de touros, e bailes em beneficio dos prezos da Rellação. E muito menos o entregar-se ao esquecimento a grande assemblea, baile, e cêa, que fez a mesma nação ingleza, no dia dos annos do seu rei, e em contemplação da nossa ventura, e dos Nosso Serenissimos Principes: porem carece tudo isto de melhor pena para o descrever, sem lhe diminuir o merecimento e o louvor.»

Documento n.º 2

1793

Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793, Abril, 29)

B.P.M.P., Ms. 565, fls. 243v. — 245v.

«Bando assim publicado para todos se mascararem por diferentes modos.

Aquelle celeberrimo Caldeira,
Filho do bom humor, e brincadeira,
Governador das ilhas não achadas,
E que jamais tem sido imaginadas,
Senhor do seu nariz, e não he pouco,
Pois que pode corta-lo, estando louco:
Na Ponte dos Aloques morador
Por que tal, et cetera sim senhor;
Varão mui poderoso, e muito forte,
Que parece tem pazes com a morte;
Pois se olharmos pra sua tenra idade,
Ideas nos faz ter da Eternidade.
Aquelle que por ter os labios rotos
Não cessa de atirar-nos perdigotos;
E para de huma vez dizermos tudo
Que traz saya, poem touca, e empunha escudo.
Sustentaculo firme, e mui valente
Do rancho mascaratico excellente;
Que depois de morrer protesta vir
Ás mascaras, que houverem assistir:
Faz saber ao seu rancho celebrado
Que aquelle feliz tempo he ja chegado,
Em que da Regia Estirpe ao mundo veyo
Esse Regio Pimpolho, tenro, e novo
Que a nós todos, nos faz ditozo povo;
E como he assas devido e muito justo
Festejar Nascimento tão Augusto;
Por tanto: determina, e mais ordena,
Obriga, e manda sobre grave pena,
De ser tido por mizero jarreza
Quem não executar quanto decreta:
Que todos os casquilhos, estudantes,
Apezar de sentir mui grande mal
Dinheiratica bolça paternal,
E encontrando remissos os seus pais
Petição vão fazer a suas mais
Pois tendo, como tem, tão pouca bolla,
Bem depreça darão com tudo á solla:
E depois que os quatrins armado tenham,

Com seus bailes vistozos logo venhão
 A publico mostrar, que tem dezejo
 De fazer neste tempo seu festejo.

- Item: Manda que venha por agora
 Todo o negociante sem demora,
 Fazerem mascarados danças altas,
 Inda que depois sintão suas faltas:
 Não fação destas couzas algum cazo
 Sempre vistor função, vá tudo razo.
- Item: Manda aos amantes sem officio,
 Que dos taxos recebem beneficio,
 Lhes possão cativar alguns tostoens,
 Para tambem entrarem nas funções;
 Que ainda estando o tal taxo na lazeira
 Ella os hirá pilhar à pobre freira,
- Item: Manda aos que tem loucos cuidados,
 Que correm a cidade mascarados,
 Não poupem só hum passo neste tempo,
 Nem receiem damnozo contratempo;
 Pois como tudo sofrem pela dama,
 Ainda que morra o homem, fique fama.
- Item: Manda que todo o sapateiro,
 Surrador, alfaiate, marinheiro,
 Cordoeiro, e tambem o taverneiro,
 Caldeireiro, ferreiro, e carpinteiro,
 Não ficando de fora o caluteiro,
 E todo o nome enfim que acabar em eiro,
 Bem como, verbi gratia sacatrapo,
 Homem mui excellente, e muito guapo,
 Sem falta se mascarem, e fação danças,
 Cantem a Cordoeira e as chiganças.
 E aquella bella moda, e bem bonita
 Pra que te quero, minha Dona Rita.
- Item: Manda que a sobredita gente
 Ao que for seu amigo, e seu parente
 Dinheiro por emprestimo lhes pessão
 E depois pelos taes os não conheção;
 Não ficando tambem suas amadas
 De serem desta vez calotiadas,
 Vendo-lhes vestidos, e cordoens,
 Para os verem brilhar nestas funções.

Item: Manda, que todos os que vendem
As fazendas, que as mascaras pertendem,
Tenhão mui grandes lucros com excesso,
A tudo pondo desmarcado preço;
Pois como he mui provavel que os comprados
Quazi todos agora vem fiados,
Pouco importa se vendão por mais custo,
E por mais que o devido, e de que o justo;
Que depois de vazios bem os lotes,
Os poderão encher com os calotes.

Item: Manda que enfim pretos, e brancos,
Aleijados, e cegos, cochos, mancos,
E quantos por dizer aqui ficarem,
Que todos por agora se mascarem,
E dem por esta vez ricos, e pobres
Hum gasto consideravel aos seus cobres.

E para vir de todos á noticia
E por cauza de alguns, que por malicia
Fogem de executar as ordens suas,
Este bando mandou que pellas ruas
Praças, becos, e viellas em voz alta
Tome hoje publicado; isto sem falta.»

Documento n.º 3

1793

Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793, Abril, 29)
B.P.M.P., Ms. 565, fl. 246

«Soneto que se recitou na presença do Illustríssimo Senhor Chanceler da
Relação do Porto, para consentir, e dar licença para os festins.

Hé este o feliz tempo, e venturozo,
Em que Lizia exultando afortunada,
Vê se cumpre a promessa feita, e dada
Aquelle Tronco Augusto, assás famozo.

Quanto não deve Portugal ditozo,
Ao ter esta ventura dezejada,
A alegria mostrar tão extremada,
Pela qual tinha andado tão anciozo?

Permetti pois, ó sabio magistrado,
 Que todo o portuense o prazer tome
 D'alegre festejar seu feliz stado;

Que se o tempo acçoens grandes não consome,
 Por tão justo prazer ao Porto dado,
 Immortal ficará o vosso nome.»

Documento n.º 4

1793

Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793, Abril, 29)
 B.P.M.P., Ms. 565, fls. 246v.-247v.

«Bando para os touros

Bando que se mandou ao povo ler
 Para todos os touros irem ver.

O Caspite famozo nos calotes,
 Dezimador de vestias, e capotes
 Tratante, e caloteiro sem igual,
 Quer tenha, quer não tenha algum real;
 Senhor de quanto apanha, e sarrupilha,
 Como saia, calção, capa, mantilha,
 Vindo por este modo a pregar mono
 A quem devia ser seu próprio dono:
 Esgotador dos botequins, e bendas,
 Das estalajes todas e mais tendas
 E que confessa já ter feito
 Dous milagres muito grandes com seu geito;
 O primeiro escapar com manha, e treta
 Dá muito estar bem prezo na calceta;
 O segundo alcançar aquella palma,
 De não ter ido para a Índia em corpo, e alma:
 Este pois faz saber a todo o povo,
 Ou seja muito velho, ou muito novo,
 Que dos touros chegou já esse dia,
 Que nos cauza prazer, mais alegria:
 Esse dia em que bailes, e carroças
 Por certo roubarão atenções nossas.

Por tanto hoje convida a toda a gente,
Para verem função tão excellente.
Porem manda tambem in primo loco,
Sob pena ao depois de levar sóco.
Que todo o que não for emmascarado,
Vá mui serio, casquilho, e assiado,
Assim de que as trinxeiras deste modo
Fiquem muito vistozas pelo todo;
Pois seria indecencia de qualquer
Ir lá cheio de trapos para ver
Função tão estrondoza, como aquella
Q'hade ser bem manifica e mui bella;
Para em fim lá não hirem com lazeira
Vistão sua cazaca domingueira
Ou lhe seja emprestada, ou seja sua:
Quem isto não fizer, alto para a rua.

Em segundo lugar manda tambem
A todo o que tenção formado tem
De ir ver emmascarado a tal função,
Mais que nunca s'èsmere por então
No seu vestido de setim, ou seda
De sorte que nenhum ao outro exceda;
Pois se tem visto mascara tão pobre,
Por andar em divorcio com o cobre,
Engendrado de trapos e bocados,
Que nem meia só tem por seus peccados.
E como não he justo isto se faça,
Por ninguem lhe achar gosto, geito, e graça;
Por isso avizo faz aos sobreditos
Com seus vestidos vão muito exquizitos
Ao curro sem temer a negra morte
Nos touros a fazer alguma sorte.

Pode ser que o tourinho tenha a chança
De querer apalpar do mascara a pança;
Mas elle tal pancada disfarçando,
Levante-se do chão sem ir mancando;
Inda que a dor antão seja excessiva,
Logo fica sem ella com hum viva

E para serem todos sabedores
Destes avizos seus, e seus favores;
Este bando mandou que com bem arte
Fosse hoje publicado em toda a parte.»

Documento n.º 5

1793

Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793, Abril, 29)

B.P.M.P., Ms. 565, fls. 251v.-252v.

«Disticos, que estavam nas varias illuminaçoens, que se fizerão nesta cidade pelo mesmo faustozo motivo.

Na illuminação da Fabrica
No alto, debaixo da figura da Fama.

A gloria de tão fausto Nascimento,
De momento a momento,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

Em sima das armas reais, no alto do Padrão

Nasce logo tão bella, que annuncia
Supremos bens à Luza Monarchia.

Na area do Padrão

Saecula vincit.

No perinto do Padrão, de junto da figura do Tempo

Do veloz tempo estragos não receia.
Que a portentosa luz o encanta, e enleia.

Debaixo da figura do Douro

Trax a brilhante estrela a idade de ouro;
E sem ceder ao Tejo a aplaude o Douro.

Estava esta pequena, mas bem deleniada, rica, e gostosa illuminação adereçada com varios emblemas relativos às Sciencias Naturaes, e Politicas como a Mathematica, Geometria, Pintura, Scultura, Muzica, Milicia, Jurisprudencia, Justiça, Religião, Prudencia, Fortaleza, Magnanimidade, Felecidade, Paz, Abundancia, etc. E tambem a figura da Europa.

Em huma janella das Hortas

Entre vivas, entre aplauzos
Seja repetidas veze;
Celebrada a prole augusta
Dos Monarchas Portuguezes.

Em huma janela da rua Chã

Soube ajuntar o destino
De huma, e outra Monarchia.
Duas almas, onde habitão
A virtude, e Soberania.

Em outra janela

Veja em paz, e justiça a luz a gente
Regio Sceptro empunhar a prole augusta
Dos Principes Reaes eternamente.

No frontespicio da igreja da Graça na festa dos ourives

O Povo Luzitano, quanto he justo,
Que louvores ao Ceo sempre dediques,
Pois que tens successão, paz, segurança,
Effeitos da promessa feita a Henriques.»

Documento n.º 6

1793

Nascimento da Infanta D. Maria Teresa (1793, Abril, 29)
A.H.M.P., Livro de Festejos, n.º 344 A, fls. 246-247v.

«Conta dos muzicos que tocarão na praça dos touros em Santo Ouvido por ordem do Illustrissimo Sennado da Camera.

Carro do Globo

Vozes Joze Joaquim Basso
 Joaquim Leite Serimonia (Joaquim Leite Sermonia)
 Bernardo Pereira Cascudo
 António Pereira Esperança (Antonio Pereira da Costa Cardozo)
 Triple (Jeronimo Tiple)

Violinos João Baptista Abondano (João Baptista Avondano)
 Antonio Pirol
 João Freire (João Freire de Andrade)
 Aleixo (Aleixo Lourenço da Ponte)
 Joze de Meireles (Joze de Meireles Reis)
 Carlos Cosme (Carlo Cosmi)
 João Pirol
 Joze Moreira (Joze Moreira de Mello)

Carro dos Chinos

Agostinho Pyo, incumbido do ensaio	
Joze Candido (Joze Candido Peixoto)	
Antonio da Cunha (Antonio da Cunha de Andrade)	
Alexandre (Alexandre Joze Pires)	
Joze Feliz (Feliz Mendes Peixoto)	
João de Meyrelles (João Baptista Meyrelles)	
Jozé Joaquim (Joze Joaquim Teixeira da Rocha)	
Rodrigo Joze da Fonseca	
Joze irmão do Padre Joze (Joze Bento de Figueiredo)	
Manoel Alves (Manoel Alvares de Vasconcelos)	
Joze Luis (Joze Luis de Souza)	
A Antonio Leite de compor a muzica por seu trabalho (Antonio da Silva Leite)	12\$300
Ao padre Manoel Francisco Gomes de compor duas marchas [...]	6\$400
Recebi 76\$800 que dei aos dois muzicos de Braga Luiz Antonio Barboza, e o padre Antonio Manga por cantarem nestas pre- zentes festas por ordem do Illustrissimo Senado	
	Tomas Guadagnini»

() — os nomes como assinam

Documento n.º 7

1797

Nascimento da Infanta D. Maria Isabel (1797, Maio, 19)
A.H.M.P., Miscelânea. Manuscrita, n.º 1190, fls. 3-14

«Lembrança das cartas que se escreverão pelo feliz nascimento da Serenissima Infanta, em 19 de Maio de 1797, foi que nasceo e chegou o proprio a 24 do dito mez»

Carta para o Bispo do Porto

«Excelentissimo e Reverendissimo Senhor. Foi Sua Magestade servida participar-nos pela Carta Regia de 19 do corrente mez a plauzivel noticia de ser Deos Nosso Senhor servido a felicitar a estes reinos com o nascimento de huma Infanta, que deu a luz no mesmo dia a Serenissima Princeza do Brazil, e como logo (*) no dia de hoje (**) fazemos publicar bando para as demonstrações de alegria, pedimos a Vossa Excelencia nos acompanhe nesta devida acção de tanto contentamento, e determine que nestes (***) 3 dias sucesivos hajão repiques de sinos, e luminarias para ser mais completo o nosso jubilo e prazer.

Deos guarde a Vossa Excelencia. Porto em Camara a 24 de Maio de 1797
Francisco de Almada e Mendonça

Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa
Joze Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Joaquim de Vasconcelos Cardozo e Menezes»

Carta para (?)

«*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor. Foi Sua Magestade servida participar-nos pela Carta Regia de 19 do corrente mez, a plauzivel noticia de ser Deos Nosso Senhor servido felicitar a estes reinos com o nascimento de huma Infanta que deu a deu a luz a Serenissima Princesa do Brazil, e como logo no dia de hoje fazemos publicar bando para as demonstrações de alegria se fas nesenario que Vossa Excelencia pase as suas ordens para que os tambores, e pifaros do Regimento se achem: nas cazas deste Senado as 11 horas da manhaa para acompanhar o dito bando.*

Deos guarde a Vossa Excelncia. Porto em Camara 24 de Maio de 1797.
Francisco de Almada e Mendonça
Dr. Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa
Joze Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Joaquim de Vasconcelos Cardoso e Menezes
Manoel Felix Correa Maya»

Carta para o Cabido

«*Illustrissimos Senhores Deão Dignidades Conegos e Cabido*
Foi Sua Magestade servida participar-nos pela Carta Regia de 19 do corrente mez de Maio a plauzivel noticia de ser Deos Nosso Senhor servido felicitar a estes reinos com o nascimento de huma Infanta, que deu a luz no mesmo dia a Serenissima Princeza do Brazil, e como logo no dia de hoje fazemos publico bando para as demonstrasoens de alegria com repiques de sinos, e luminarias nestas tres noutes, e dias sucessivos, pedimos a Vossa Illustrissima nos acompanhe nesta devida acção para ser mais completo o nosso jubilo e prazer.

Deos guarde a Vossa Illustrissima. Porto em Camara 24 de Junho (*) de 1797.
Francisco de Almada e Mendonça
Jozé Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Joaquim de Vasconcelos Cardozo de Menezes
Manoel Felix Correa Maia»

(*) palavra cortada

(**) tem por cima a palavra «amanham 25»

(***) palavra cortada e tem por cima nos

(*) é Maio e não Junho como aparece escrito por lapso.

Primeiro pregão

«Juis Vereadores do Senado desta cidade do Porto. Fazemos saber a todos os moradores desta mesma cidade que Sua Magestade foi servida participar-nos pela Carta Regia de 19 do corrente mez a aplauzível noticia de ser Deos Nosso Senhor servido felicitar a estes reinos com o nascimento de huma Infanta que deu a luz no mesmo dia a Serenissima Princeza do Brazil recomendando-nos festeja se mos com as demonstrações de alegria costumadas em semelhantes occazioens, o que esperava de tão fieis, e leais vassallos; e por isso ordenamos se ponhão luminarias nestes tres dias sucessivos com repiques de sinos, achando desnecessario para sua execuçam impor pena na certeza da sua antiga, e louvavel fedelidade. Porto em Camara 24 de Maio de 1797.

Dr. Almada = Cirne = Mello = Cardozo»

Segundo pregão

«Juiz Vereadores do Senado da Camara desta cidade do Porto. Fazemos saber a todos os moradores da mesma que no dia Domingo 11 do corrente mes se ha de dar Graças a Deos Nosso Senhor na Santa Sé Cathedral pelo felis nascimento da Serenissima Infanta, cantando-se de tarde Te Deum com procição solemne, e por isso ordenamos que no dia e vespóra se ponhão luminarias com repiques de sinos, tendo limpas as ruas e ornadas as janellas por onde tranzitar a dita procição sendo desnecessario impor lhe pena na certeza da sua antiga, e louvavel fedelidade. Porto em Camara 10 de Junho de 1797»

Carta para o Bispo do Porto

«Excelentissimo e Reverendissimo Senhor. Tendo Sua Magestade ordenado que festeja se mos com todas as demonstrasoens de aplauzo, a particular mercê que à Mão Omnipotente foi servido conceder a estes reinos com o nascimento de huma Infanta que a Serenisima Princeza do Brazil felismente deu a luz, nos pareseu proprio o dia 11 do fucturo mez de Junho, para na Santa Sé Cathedral, se celebrar festa solemne de Missa Pontefical, e sermão que ha de recitar o padre mestre Dr. Bartolomeu Brandão da Ordem dos Heremitas de Santo Agostinho, cantando-se Te Deum Laudamos com procição de tarde em Acção de Graças que esta cidade pertende dar a Deos Nosso Senhor por hum bem geralmente interessante, e fazemos publicar bando para na vespóra, e referido dia, e noutes se porem luminarias, e havendo repique de sinos: o que pomos na prezença de Vossa Excelencia pedindo-lhe seja servido aprovar esta nossa rezolução que ficará em tudo completa, quando consiga o beneficio de ser authorizada com a sagrada pessoa de Vossa Excelencia, de quem tambem esperamos a sua Paternal Benção. Deos Goarde a Vossa Excelencia, Porto em Camara 31 de Maio de 1797.

Excelentissimo e Revendissimo Senhor D. Lourenço Correia de Sá
Bispo desta cidade

Francisco de Almada e Mendonça

Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa

Jozé Cirne de Souza Madureira

Joaquim de Vasconcelos Cardozo e Menezes
Francisco Homem Carneiro de Vasconcelos
Manoel Felix Correa Maya»

Carta para o Chanceler Governador das Justiças

«*Illustrissimo Senhor Chanceler Governador das Justiças.*

Na Santa Sé Cathedral em o dia 11 do corrente mez se ha de celebrar festa solemne com sermão; cantando-se o Te Deum Laudamos, e havendo procição de tarde em Acção de Graças que esta cidade pertende render a Deos Nosso Senhor pelo bom successo do parto da Serenisima Princeza do Brazil, e felis nascimento da Serenisima Infanta; o que determinamos fazer certo por bando publico, patra no mesmo dia, e vespóra haverem repiques de sinos, e nas noutes luminarias, cuja noticia participamos a Vossa Senhoria, pelo objecto ser de tanta alegria e o mais interessante para estes reinos.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Porto em Camara 3 de Junho de 1797.
Illustrissimo Senhor Manoel Francisco da Silva e Veiga Magro de Moura.
Francisco de Almada e Mendonça
Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa
Jozé Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Manoel Felix Correa Maia»

Carta para o Governador das Armas

«*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

Na Santa Sé Cathedral em o dia 11 do corrente mez se ha de celebrar festa solemne com sermão cantando-se o Te Deum Laudamos com procição de tarde em Acção de Graças, que esta cidade intenta rende(r) a Deos Nosso Senhor pelo bom successo do parto da Serenissima Princeza do Brazil, e felis nascimento do Serenissima Infanta; e como havemos de mandar publicar bando para as demonstraoens de alegria: se fas nesario que Vossa Excelencia passe as suas ordens, para que os tambores, e pifaros do Regimento, se achem na caza da Camara às 11 horas da manhã do dia 10, e na tarde do seguinte para o mesmo Regimento acompanhar a dita procição.

Deos Guarde Vossa Excelencia. Porto em Camara 3 de Junho de 1797.
Illustrissimo e Excelenticimo Senhor D. João Correa de Sá.
Francisco de Almada e Mendonça
Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa
Joze Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Joaquim de Vasconcelos Cardozo de Menezes
Manoel Felix Correa Maya.» (*)

(*) esta carta esta cortada mandando ver o verso da folha, com letra diferente

Carta para o Governador das Armas

«**Illustrissimo e Excelentissimo Senhor**

Tendo escolhido o dia segunda feira 12 do corrente para render as Graças ao Altissimo pelo feliz parto da Princeza Nossa Senhora nos pareceu necessario participar a Vossa Excelencia que nesse dia se ha de cantar de manhã a missa com sermão na Santa Sé Cathedral desta cidade, e de tarde Te Deum Laudamos com procissão na forma do estabelecido e rogamos a Vossa Excelencia que para fazer mais plauzível este acto se digne ordenar que os dois Regimentos de Infantaria hajão de acompanhar a mesma procissão, e porque devemos deitar bando para as demonstraçoens de alegria proprias desta solemnidade, pedimos igualmente a Vossa Excelencia que os tambores e pifaros dos mesmos dois Regimentos se achem na caza desta Camara no dia 11 pelas 10 horas da manhã, Deos Guarde Vossa Excelencia. Porto em Camara 8 de Mayo de 1800»

Carta para as Comunidades

«Foi Sua Magestade servida participar-nos pela Carta Regia de 19 do corrente mes de Maio a plauzível noticia de ser Deos Nosso Senhor servido felicitar a estes reinos com o nascimento de huma Infanta que deu à luz no mesmo dia a Serenisima Princeza do Brazil, e como logo no dia de hoje fazemos publicar bando para as demonstrasoens de alegria, rogamos a Vossa Reverendissima/ou Senhoria/ nos acompanhe nesta devida acção de tanto contentamento; com repique de sinos, e luminarias nestes tres dias sucesivos por ser mais completo o nosso jubilo, e prazer (*).

Deos Guarde a Vossa Reverendissima / ou Senhoria / Porto em Camara 24 de Maio de 1797.

Francisco de Almada e Mendonça
Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa
Jozé Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Melo Vieira da Silva de Menezes
Joaquim de Vasconcelos Cardozo de Menezes
Manoel Felix Correa Maya»

Carta para as Comunidades

«Na Santa Sé Cathedral em o dia 11 do corrente mez se ha de celebrar festa solemne, e cantar o Te Deum Laudamus com procição de tarde em Acção de Graças que esta cidade ha de render a Deos Nosso Senhor pelo bom sucesso do parto da Serenisima Princeza do Brazil, e felis nascimento da Serenissima Infanta, cuja noticia havemos de fazer certo por bando publico que se manda lançar: o que participamos a Vossa Senhoria / ou Reverendissima / para nos fazer favor de assistir com a sua Religiosisima Comunidade a dita solemnidade, e acompanhar esta

(*) a partir de luminárias o texto está cortado, sendo para ser substituido pelo que se encontra no fim da página: «frequentes pelo discurso de cada hum dos tres dias, e luminarias nas suas tres noutes para ser mais completo o nosso jubilo e prazer»

demonstração de alegria com luminarias e repiques de sinos na Vespera, e dia referido.

Deos Guarde a Vossa Senhora / ou Revendissima / Porto em Camara (?) de Junho de 1797.

Francisco de Almada e Mendonça
Dr. Vicente Jozé Ferreira Cardozo da Costa
Jozé Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Manoel Felix Correa Maya»

Carta para as Freiras e Misericórdias

«O que participamos a Vossa Senhora para nos fazer favor de acompanhar esta demonstração de alegria com luminarias, e repiques de sinos na vespora e dia referido.

Deos Guarde a Vossa Senhora. Porto em Camara 6 de Junho de 1797»

Carta para os Clérigos

«O que participamos a Vossa Excelencia para nos fazer favor como Dignissimo Prezidente da Irmandade dos Clerigos ordenar que hajão luminarias e repiques de sinos na vespora e dia referido.

Deos Guarde a Vossa Excelencia. Porto em Camara 6 de Junho de 1797
Francisco de Almada e Mendonça
Joze Cirne de Souza de Madureira
Bernardo de Mello Vieira da Silva de Menezes
Joaquim Vasconcelos Cardozo e Menezes
Manoel Felix Correa Maya

Cartas para as «varas do palco»

«O Illustrissimo Senado da Camara elegeo a Vossa Senhora para pegar em huma das varas do palco na solemne procição de Acção de Graças, que esta cidade ha de render a Deos Nosso no dia 11 do mez de Junho, pelo bom suceso do parto da Serenissima Princeza do Brazil, e felis nascimento da Serenissima Infanta a cujo fim me ordena faça a Vossa Senhora este avizo para que se sirva achar se na Santa Sé Cathedral vestido de capa volta e gola, pelas 3 horas da tarde do dito dia. Iguualmente alegeo a Vossa Senhora para o mesmo menisterio da solemne procição do Corpo de Deos que se ha de celebrar no dia 15 do dito mez, e espera que Vossa Senhora se ache na referida igreja pelas 11 horas da ma(nhaa) do mesmo dia vestido de capa e volta sem gola.

Deos Guarde a Vossa Senhora. Porto 30 de Mayo de 1797.

De Vossa Senhora
Muito obzequiozo venerador
João Caetano de Têlo e Souza»

«Carta para receber ademição para não haver numero certo de fidalgos que pagase nas varas do paleo»

«O Illustrissimo Senado da Camara dipois de mandar convidar a Vossa Senhoria para fazer o favor para pegar em huma das varas do paleo tanto na procição de Acção de Graças pelo felis nascimento da Serenisima Infanta como para a solemne procição do Corpo de Deos; recebeu avizos de muitos dos senhores a quem para o dito effeito mandou escrever pelos quaes se escuzavão por cauza das suas molestias de sorte que fazendo todas as mais possoaes diligencias não pode completar o numero que era necessario, e por isso me ordena agradesa a Vossa Senhoria o trabalho que benignamente aseitou, do qual lhe pede receba a demição pelo motivo que fica referido offerecendo-se em tudo quanto for do agrado de Vossa Senhoria e protestando sempre pelas ocaziões de lhe obedeser.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Porto 2 de Junho de 1797

De Vossa Senhoria

Muito obzequiozo venerador

João Caetano de Telo e Souza»

«Forão às varas do palco os cidadoins seguintes.

Antonio Joze Guimaraes

Joaquim Fernando da Silva

Manoel Thomas da Rocha

João Lopes Ferras Beça

Joze Ventura Fortuna

Jozé Ribeiro Braga

Joze Fernandes da Silva

Jose Joaquim Alves Crus»

Carta para os Cavaleiros

«O Illustrissimo Senado da Camara, espera que Vossa Senhoria se ache na Santa Sé Cathedral vestido com o seu manto da Ordem Melitar de que he professo pelas 3 horas da tarde do dia 11 do corrente mez para no proprio lugar dos cavalleiros acompanhar a solemne procição de Acção de Graças que se hão de dar a Deos Nosso Senhor pelo bom sucesso do parto da Serenissima Princeza do Brazil, e felis nascimento da Serenissima Infanta, ordenando-me fizese a Vossa Senhoria este avizo na certeza de que não faltará em aestir a este acto o mais digno pelo real objecto a que se destina.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Porto 7 de Junho de 1797.

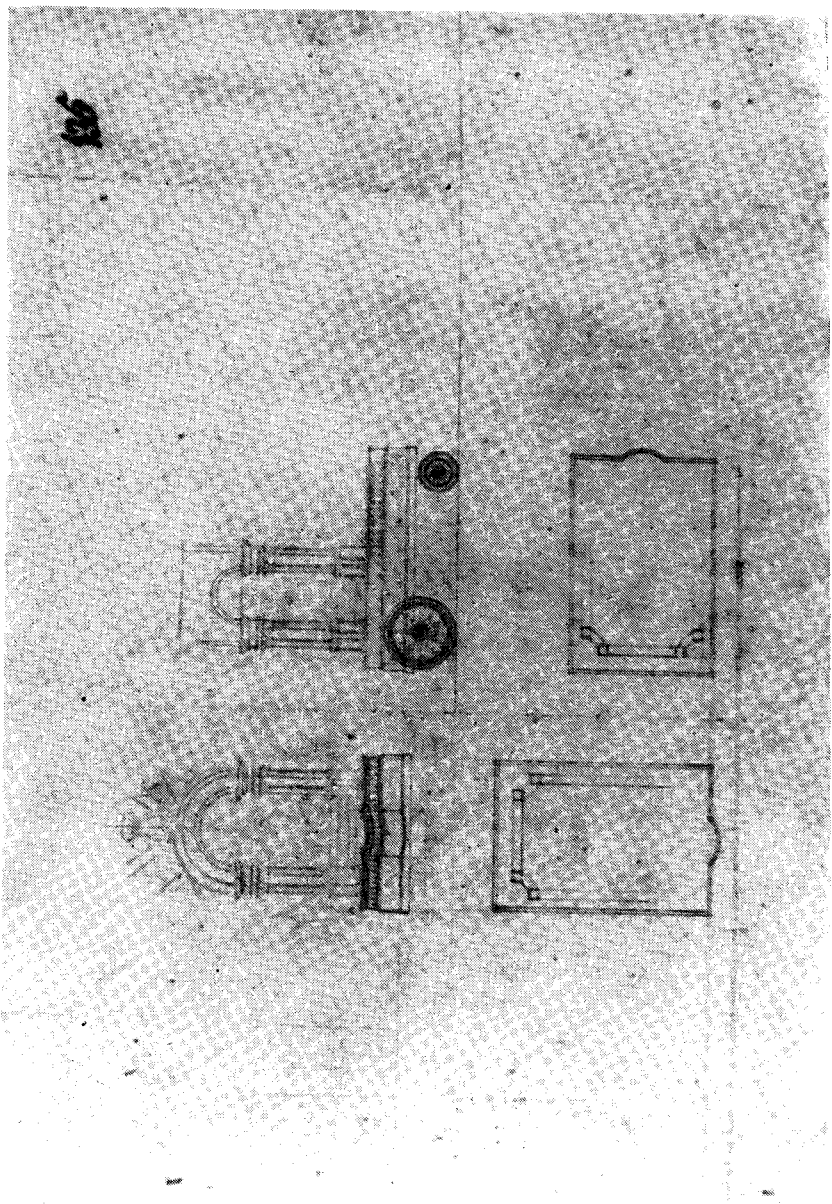
De Vossa Senhoria

Muito obzequiozo venerador

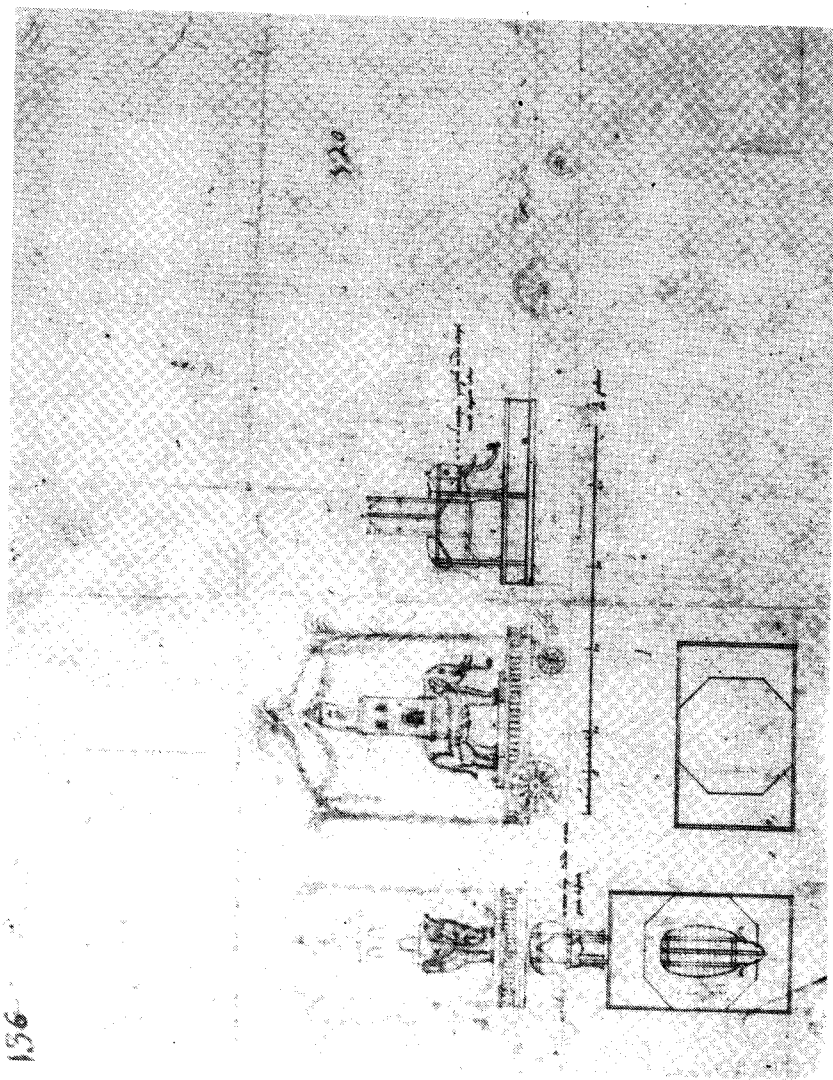
João Caetano de Telo e Souza».

ILUSTRações

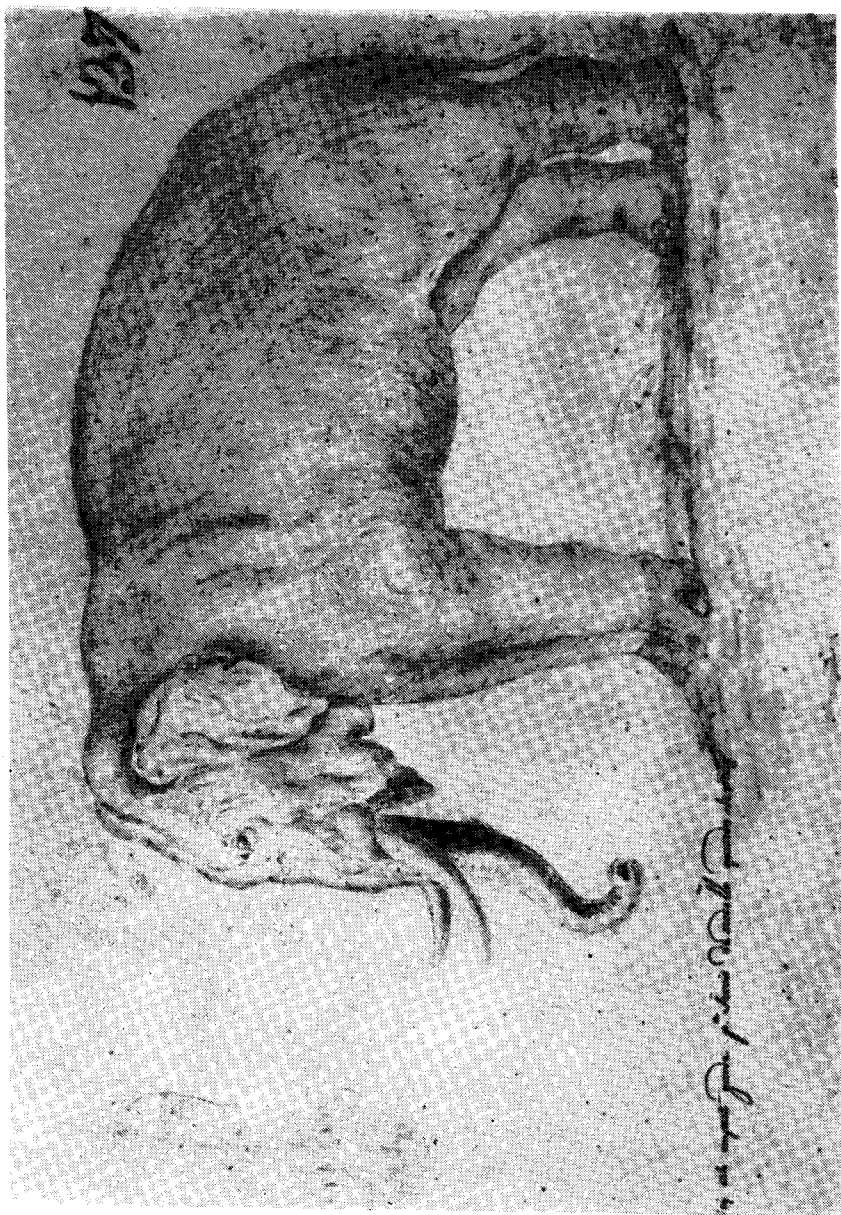
As ilustrações foram reproduzidas
da obra de Maria Helena Mendes Pinto,
José Francisco de Paiva.
Ensamblador e Architecto (1744-1824),
Lisboa, 1973



Est. 1 — José Francisco de Paiva. Carro triunfal para os festejos pelo nascimento do Infante D. António (1795).



Est. 2 — José Francisco de Paiva. Carro alegórico para os festejos pelo nascimento do Infante D. António (1795).



Est. 3 — José Francisco de Paiva. Elefante do carro alegórico para os festejos pelo nascimento do Infante D. António (1795).

